



Economia Solidária e a crise do mundo do trabalho

Editorial

Na mesma semana em que foram anunciados impressionantes índices de desemprego brasileiro e que testemunhamos cenas degradantes de milhares de pessoas disputando o emprego de gari, foi instituída a Secretaria Nacional de Economia Solidária, ligada ao Ministério do Trabalho.

Nesta semana, realiza-se o **1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e o IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho**. De 1º a 3 de julho, na Unisinos, estarão reunidos pesquisadores e pesquisadoras, líderes do movimento social para debater o tema Trabalho e Sociedade Solidária. Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade é uma das três áreas de concentração do Instituto Humanitas Unisinos. Economia Solidária, Trabalho e Associativismo e Cooperativismo são os grupos temáticos que constituem esta área de concentração. Faz, assim, parte

da missão do IHU a parceria na organização deste evento promovido pela Cátedra Unesco Unisinos e pelo núcleo local Unitrabalho - Unisinos.

Este boletim quer contribuir nos debates desta semana, discutindo o tema da Economia Solidária no contexto da crise do mundo do trabalho. É nesse sentido que vão as entrevistas de Dari Krein, doutorando da Unicamp, pesquisador do mundo do trabalho e assessor do movimento sindical brasileiro, do prof. Dr. Josué Pereira da Silva, professor da Unicamp e da Profª. Drª. Dalila Pedrini, professora aposentada da FURB, pesquisadora da Economia Solidária e militante dos movimentos sociais.

A entrevista de Dari Krein e o artigo 'Os sindicatos vão sobreviver no século XXI?' ajudam a compreender a enorme dificuldade do movimento sindical em responder aos ingentes desafios do momento atual do mundo do trabalho. Isso pode ser percebido no mundo. Basta ter em vista a luta sindical na França e a histórica derrota da IG Metall, que teve de decretar o fim de uma greve de

quatro semanas sem conseguir introduzir as 35 horas semanais na ex-Alemanha do Leste. “A verdade amarga é que a greve fracassou”, afirmou o veterano líder sindical Klaus Zwickel, segundo os jornais europeus de ontem, domingo, dia 29 de junho. A última vez que a IG Metall decretou o fim de uma greve antes de alcançar os objetivos foi em 1954.

Um dos aspectos da crise do mundo do trabalho é abordado na análise da ‘vacation phobia’, na fobia de perder o emprego na volta das férias. A precarização, o desmanche da legislação social, a terceirização, a instabilidade, o risco (Ulrich Beck) são características cada vez mais determinantes do mundo do trabalho, hoje. Essas características fazem com que, cada vez mais, o desemprego seja equiparado, em termos psicológicos, à ruptura, ao luto, enfim, a um trauma. A editoria “Frasas da Semana” aborda esta questão.

O filme **O Homem que copiava**, de Jorge Furtado, analisado na editoria “Filme da semana” é outra manifestação desta crise e do que pode implicar a busca de saídas, tipo ‘salve-se quem puder’, a ‘lei de Gérson’. O Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa nos ajuda, na editoria “Meu clássico”, a perceber os limites das respostas da ciência econômica à crise do mundo do trabalho, hoje.

Que este importante evento desta semana, contribua para que a sociedade brasileira encontre novas e ousadas respostas para a crise do trabalho assalariado que testemunhamos e ... vivenciamos ao redor de nós, bem perto de nós.

Uma ótima semana a todos e todas!

TRABALHO E SOCIEDADE SOLIDÁRIA

Inicia amanhã, dia primeiro de julho o 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e o IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho. O evento, que se estende até o dia 3 de julho, é uma parceria entre a Cátedra Unesco - Unisinos, os PPGs em Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde, Direito, Educação, Filosofia, História, o Núcleo Local da Rede de Estudos e Pesquisas Unitrabalho e Instituto Humanitas Unisinos. Serão dias de fortes debates em torno de aspectos diversos do mundo do trabalho em nível nacional e internacional. *IHU On-Line* acompanha este debate e traz como matéria de capa uma série de entrevistas com algumas pessoas de nosso meio que analisam sob diversos ângulos temas relacionados ao mundo do Trabalho.

UNITRABALHO: UMA PARCERIA ENTRE INTELLECTUAIS E TRABALHADORES

Entrevista com Dárnis Corbellini

Dárnis Corbellini, coordenador da Área de Concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, é Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduado em Ciências Sociais pela Unisinos, e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Dárnis é coordenador do Núcleo Local da Unitrabalho da Unisinos, professor no Centro de Ciências Humanas da Universidade e professor no Centro Universitário La Salle (Unilasalle).

IHU On-Line- Como surgiu a idéia de realizar os Encontros de Estudos sobre o Mundo do Trabalho na Unisinos?

Dárnis Corbellini- A Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho (Unitrabalho) foi fundada em 1995, em São Paulo, a partir de uma iniciativa conjunta dos reitores das Universidades e a Central Única dos Trabalhadores (CUT), ou seja, intelectuais e trabalhadores reunidos, em parceria, com o objetivo de resgatar a dívida antiga que as

universidades tinham com os trabalhadores, qual seja, a necessidade de uma reflexão e pesquisa mais sistemática sobre o mundo do trabalho. Na Unisinos, o Núcleo Local da Unitrabalho iniciou suas atividades em 1998. Em 2000, organizamos o I Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho. O objetivo dos encontros é reunir os pesquisadores da Universidade para refletir e debater as pesquisas na área do mundo do trabalho. Convidamos colegas de outras instituições para participarem de nossa iniciativa. Na ocasião quem coordenava o Núcleo era a professora Maria Clara Bueno Fischer do PPG Educação. O primeiro encontro teve como tema “Trabalho”. O segundo foi sobre “Trabalho e educação”. Já o terceiro foi sobre “Trabalho e subjetividade” e este quarto será sobre “Trabalho e memória”. A professora Maria Ciavatta, da Universidade Federal Fluminense, apresentará especificamente esse tema no encontro. Ela tem pesquisado e produzido muito sobre o tema da memória do trabalho no Brasil.

IHU On-Line- Qual a principal contribuição que estes encontros trazem na reflexão do mundo do trabalho?

Dárnis Corbellini- A Unitrabalho realiza encontros locais, regionais e nacionais. Aqui reunimos uma média de 70 pesquisadores. São espaços para o encontro com as últimas pesquisas tanto na Unisinos quanto na região dos três estados do sul. O intercâmbio de experiências e a comunicação das pesquisas fazem com que percebamos os avanços e as novas tendências no mundo do trabalho.

IHU On-Line- Que importância tem para a área de Concentração II, que o Sr. coordena, a realização deste encontro?

Dárnis Corbellini- Cada universidade tem seu espaço para o Núcleo Local da Unitrabalho. No Instituto Humanitas Unisinos, está na Área de concentração II: Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade, no GT Trabalho e é designado como Programa Unitrabalho. Somos um grupo de colegas de vários centros que estudam e pesquisam sobre o tema Trabalho. Acho que convidamos, para o 1º Colóquio e o IV Encontro, pesquisadores de renome internacional que vão enriquecer, com uma visão atualizada mundial, nossas discussões na área, aqui na Unisinos.

IHU On-Line- Como surgiu essa idéia de parceria com a Cátedra Unesco para a realização do 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária?

Dárnis Corbellini- A Cátedra Unesco da Unisinos tem como tema principal Trabalho e Sociedade Solidária. Dentro da Unitrabalho Nacional temos um GT sobre Economia Solidária. Na Área II, também temos um GT Economia Solidária. Como realizamos todos os anos o Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho, e a Cátedra Unesco deseja mostrar visibilidade, surgiu a possibilidade de fazer o 1º Colóquio Internacional e o IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho, em parceria. É nossa contribuição interdisciplinar para chegar ao transdisciplinar.

IHU On-Line – O fato de fazer os dois eventos juntos não pode trazer o risco de valorizar o 1º Colóquio Internacional em detrimento do Encontro de Estudos sobre o mundo do trabalho?

Dárnis Corbellini- Eu digo, brincando, que somos o “primo pobre”, porque eles têm os recursos e nós não. Nós fomos à luta: nos encontros anteriores, conseguimos financiamento da Fapergs, mas neste ano não. Podemos correr o risco de o IV Encontro de Estudos sobre o mundo do trabalho ficar em segundo plano. O Comitê da Cátedra da Unesco está constituído por seis PPGs: Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Filosofia, História, Saúde Coletiva e Direito e o

Núcleo Local da Unitrabalho é o único a participar como entidade. Mas a atuação da área de concentração II: Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, como um todo, está sendo cada vez mais fortalecida. Nós temos um bom grupo de pesquisadores que trabalham temas, como trabalho e educação ou trabalho, Economia Solidária, cooperativismo e associativismo. Estamos elaborando um Programa de Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários.

CUT, DESEMPREGO E REFORMAS TRABALHISTAS

Entrevista com Dari Krein

*José Dari Krein é pesquisador do Cesit (Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho), ligado à Unicamp, mestre em Economia Social e do Trabalho, pela Unicamp, especialista em Relações de Trabalho e doutorando em Economia do Trabalho. Krein trabalhou no Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – Cepat, de Curitiba, de 1994 a 1996. É organizador do caderno **Trabalho e educação num mundo em mudanças**. São Paulo: CUT. 1997. Sua dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Economia Social e do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas, intitula-se *O aprofundamento da flexibilização das relações de trabalho no Brasil nos anos 90*. Dari Krein participou do Simpósio Internacional **O Ensino Social da Igreja e a Globalização**, promovido pela Unisinos, em 2001.*

IHU On-Line- Como o Sr. avaliaria o 8º Congresso Nacional da CUT, realizado de 3 a 7 de junho, em São Paulo, no qual participou?

Dari Krein- A diferença dos outros Congressos foi que desta vez se discutiu política, particularmente o debate da Reforma da Previdência, a Reforma Sindical, a questão da Conjuntura do Governo Lula, problemas de bastante embate e discussão no próprio Congresso da CUT. Foi um Congresso determinado pelo contexto econômico e político que o país vive. A eleição de Lula é um certo divisor de águas na trajetória do movimento sindical recente, e ela afeta, de uma forma bastante densa, a própria CUT. A grande maioria das pessoas que estava lá contribuiu para a eleição de Lula. Uma base considerável dessa militância continua apostando, acreditando que o Governo Lula será um governo de mudanças, que as questões a que estamos assistindo serão transitórias no sentido de enfrentar o Governo Lula, mas que há perspectiva de melhora. Há uma necessidade de fazer uma análise crítica, mas há também a necessidade de preservar Lula. Na parte mais histórica de oposição e nos servidores, há um certo temor maior em relação à questão das reformas e particularmente na Reforma Previdenciária. Essas discussões e temores acabaram se traduzindo no Congresso. Essa parte de esquerda e dos servidores dá idéia de que essas reformas não fazem parte do ideário da esquerda brasileira. São reformas assumidas pelo Governo, mas que não são da nossa tradição, da nossa história. Esse embate esteve muito presente na CUT e está se reproduzindo agora, pós-congresso.

IHU On-Line- Qual poderá ser o futuro da CUT?

Dari Krein- Vai depender muito das discussões e também das reformas, para sentirmos se haverá um “racha” do movimento sindical ou não, ou seja, se os servidores públicos tendem a adquirir e fortalecer as suas próprias organizações com maior autonomia e distância em relação à própria CUT. Esse embate que apareceu no Congresso não foi resolvido lá e vai continuar presente daqui para a frente na agenda. Nós podemos ter um fortalecimento da CUT ou um

distanciamento dela em relação aos servidores públicos. Aí a CUT vai perder politicamente uma base sindical importante.

IHU On-Line- Que reformas poderiam acontecer na questão trabalhista?

Dari Krein- Eu não acredito que haja uma reforma trabalhista mais substancial. Deve haver uma reforma sindical em alguns aspectos. O Ministro do Trabalho tem feito sinalizações contraditórias, manifestado uma forma bastante dúbia, em relação ao parcelamento do décimo terceiro, ao FGTS. Fala e depois desmente no dia seguinte. Não fala claramente se vai defender uma flexibilização dos direitos trabalhistas. No cenário atual, acho difícil que passe uma reforma de flexibilização. Há a proposição de uma medida mais substancial no sistema de representação, mas, mesmo nesse aspecto, eu não sou tão otimista, achando que vai acontecer uma reforma. Na minha opinião, vai haver reconhecimento do poder de contratação das centrais sindicais; vai haver alguma medida que amplie a possibilidade da negociação coletiva e do sistema de representação, mas vão ser reformas bastante pontuais. Mesmo a questão do fim da unicidade, não tenho certeza se passa, mas pode passar uma mudança na base de contribuição dos sindicatos, se tiver articulado o fim do imposto, da contribuição, com a introdução de uma taxa negocial, há a perspectiva de ser aprovada. Eu acho que não sai uma reforma sindical e trabalhista substancial, pelo menos no curto prazo, do Governo Lula. Todo o debate ainda está para ser feito. O Fórum Nacional do Trabalho ainda não foi constituído.

IHU On-Line- Segundo o IBGE, o desemprego em maio atingiu os índices mais altos desde março de 2002, quais as perspectivas para os próximos meses?

Dari Krein- Comparando, mês a mês, há uma tendência mais elevada de desemprego no começo do ano, a taxa de abril-maio historicamente costuma ser a maior do ano. O desemprego é um sintoma da política econômica adotada nos últimos anos do governo FHC e aprofundada nesses primeiros meses do Governo Lula. Essa política de priorizar o combate à inflação afetou não só o emprego com essas taxas, como a renda dos trabalhadores, que, no mês passado, com relação ao mesmo mês no ano passado caiu 15%. É desastroso do ponto de vista social. Há uma queda da renda e uma queda do emprego. Isso tem um efeito sobre a política econômica e a retomada do emprego. Nós ainda vamos assistir, nos próximos meses, ao desemprego, batendo recorde em relação aos mesmos meses do período anterior. A nossa tendência é de continuar convivendo com taxas de desemprego extremamente altas. Em 2003, a taxa pode vir a cair no segundo semestre. E, como ela tende historicamente a cair, pode haver uma melhora na perspectiva econômica a curto prazo, se o governo reduzir a taxa de juros, não começar a gastar mais, adotar uma política social mais agressiva, pode vir a melhorar um pouco. Mas, a médio prazo, eu não vejo desenhada, na política econômica de hoje, uma possibilidade de o Lula cumprir a promessa de criar uma quantidade significativa de empregos. Há necessidade de muitas mudanças antes disso. Esse cenário está afetando de forma substancial a vida dos trabalhadores.

IHU On-Line- Para reverter a atual situação, que metas viáveis haveria a curto prazo? A redução da jornada de trabalho seria uma delas?

Dari Krein- A questão da redução da jornada de trabalho está fora da pauta sindical e da pauta do governo. É uma bandeira importante para ser levada à frente pelo movimento sindical, até porque não se consegue combater o desemprego só pelo crescimento econômico. É preciso partilhar o trabalho útil presente na sociedade. Isso é possível através de uma redução da jornada de trabalho, que é uma bandeira central do ponto de vista dos trabalhadores na perspectiva de criar uma sociedade com menor desemprego. Há uma promessa de campanha

de Lula de redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, o que é pouco ainda para enfrentar o problema do desemprego. Teria que reduzir de uma forma mais substancial e numa vez só. Se fizer gradualmente, causa pouco impacto. Tem que ser de forma bruta. Espero que o movimento sindical retome essa bandeira e tente colocá-la na agenda nacional. A tendência hoje é aumentar a precarização. Para reverter essa questão do desemprego a curto prazo, a retomada do nível da atividade econômica ajuda, mas não é suficiente. Uma medida que poderia ser feita é alocar as pessoas numa série de atividades sociais locais, importantes para o bem comum da sociedade, na área de infra-estrutura e na área de políticas sociais, ampliar as políticas sociais de uma forma extraordinária e com isso dar ocupação para muita gente, em diversas áreas. Isso significaria um programa público, intensivo, de ampliar os serviços para a comunidade através da contratação de pessoas. Isso tem que ser resolvido pelo estado que tem um papel chave na estruturação desse processo e, a curto prazo, voltar a inserir a bandeira da discussão da jornada de trabalho. É preciso também incentivar a possibilidade de criação de microalternativas econômicas na área da Economia Solidária, na perspectiva de ocupar as pessoas dentro de uma outra lógica econômica, que não seja pura e simplesmente a lógica do mercado, mas que seja baseada na relação de fraternidade. Tudo isso tem que ser articulado numa perspectiva mais geral e reorientar a economia e as políticas sociais e pensar numa forma de reestruturar o mesmo projeto para o País.

“É NECESSÁRIO DESVINCULAR EMPREGO E RENDA”

Entrevista com Josué Pereira da Silva.

Josué Pereira da Silva, doutor em Sociologia pela New School for Social Research, NY, Estados Unidos, é professor de sociologia na IFCH, Unicamp. É autor de Três discursos, uma sentença: tempo e trabalho em São Paulo (1906-1932), Annablume / Fapesp, 1996 e André Gorz: trabalho e política, São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002, 228 páginas. Este livro foi comentado no IHU On-Line, nº 36, de 23/09/2002 como livro da semana.

IHU On-Line- Quais as chaves de leitura mais significativas na obra de André Gorz que ajudariam para uma compreensão da realidade do trabalho atual no mundo?

Josué Pereira da Silva- A definição do trabalho com a distinção entre o conceito antropológico, como atividade humana e o sentido dado pela sociedade capitalista do mundo moderno ocidental. Ele define trabalho de forma muito clara num livro em 1988, que está sendo publicado agora no Brasil, no segundo semestre, **Metamorfose do trabalho**. O trabalho industrial típico do capitalismo, da fábrica é o exemplar mais acabado do tipo moderno que tinha o tempo como critério para medir a produtividade. Esse trabalho está passando por uma crise. A sua análise é fundamentada numa crítica da racionalidade econômica. Gorz faz uma crítica do utilitarismo da lógica de mercado e distingue uma sociedade de mercado, fundamentalista, neoliberal de uma sociedade com mercado. Um outro aspecto muito valioso é sua sensibilidade para o problema ecológico. A sociedade econômica levada a suas últimas consequências provoca uma destruição de determinadas dimensões do ambiente, eliminando recursos esgotáveis que não podem ser renovados em pouco tempo. É necessária uma perspectiva social mais ecológica

IHU On-Line- Quais as alternativas que o Sr. vê em relação ao crescente desemprego?

Josué Pereira da Silva- É necessário definir o que é desemprego. Muitas vezes se associa à ausência de crescimento econômico. Não é tão simples. O desemprego cíclico, de fato está relacionado com a oscilação da economia. Mas há um desemprego mais abrangente, que é

estrutural e está associado ao que o mercado de trabalho demanda: um determinado tipo de mão-de-obra com qualificação específica, e a população não tem essa qualificação. Uma reciclagem que qualifique a mão-de-obra poderia ajudar um pouco a resolver o desemprego estrutural, pelo menos para determinadas funções. Há também o desemprego tecnológico, para o qual pouca gente chama a atenção. As transformações tecnológicas das últimas décadas têm um objetivo claro de poupar emprego. É uma lógica antiga dos anos 80-90, na Europa e no Brasil dos anos 90. Por exemplo, o setor bancário do Brasil, há 15 anos aproximadamente empregava mais ou menos o dobro do que emprega agora e, no entanto, o crescimento econômico, no sentido de faturamento do setor, foi dos maiores, mas é um crescimento que poupa mão-de-obra. Uma boa avaliação de que tipo de desemprego nós temos, facilitaria a formulação de políticas. Setores como construção civil e reforma agrária poderiam abrir novos empregos. A educação, no sentido de universalizar a educação básica no Brasil, poderia empregar jovens formados ou estudantes universitários como educadores, como, em certa forma foi feito na época da ditadura, com o Movimento Mobra, mas, é claro, uma coisa menos dirigida ideologicamente. Uma iniciativa nesse sentido poderia empregar muita gente e melhorar a qualificação de mão-de-obra, seria uma saída interessante. Ao mesmo tempo, isso resolveria o problema de educação e do trabalho dos jovens. Uma das propostas de André Gorz é a diminuição do tempo de trabalho junto com uma política macroeconômica, voltada para empregar pessoas e aumentar a oferta de trabalho. Isso exige um planejamento bem mais sofisticado e não está ao alcance em curto prazo.

IHU On-Line- Como imaginar uma sociedade em que trabalho e renda estejam desvinculados?
Josué Pereira da Silva- O próprio Gorz discute isso e teve até uma mudança de posição recente desde o livro **Metamorfose do trabalho** para o penúltimo livro dele que se chama **Miséria do Presente. Riqueza do Possível**, Paris: Galilée, 1997. Embora ele faça uma crítica da chamada centralidade do trabalho contemporânea, ele achava que o direito ao trabalho era político, que as pessoas que quisessem teriam o direito de contribuir com a produção social. Mas, recentemente, a partir das transformações tecnológicas e da idéia do conhecimento coletivo, inspirado nos escritos de Marx, compreende que a produção social não pode ser localizada num setor específico da economia ou da sociedade, mas que a inteligência é a força produtiva principal da sociedade, ou seja, toda a capacidade de conhecimento acumulado no conjunto da sociedade. Isso tudo levou André Gorz a rever a possibilidade do vínculo entre o trabalho exercido e a renda recebida. Então, ele se aproximou de idéias como a do economista e filósofo Phillippe Van Parijs, autor de teses sobre renda básica e alocação universal. Aqui no Brasil, o Senador Eduardo Suplicy no livro **Renda de Cidadania: a saída é pela porta**. São Paulo: Cortez :Fundação Perseu Abramo, 2002, também começa a levantar essa posição. Nas condições atuais do mundo, não dá para poder imaginar o direito de cidadania ter o trabalho como contrapartida. A sociedade está-se mostrando incapaz de oferecer trabalho para as pessoas, o direito à vida é anterior. Tanto Gorz quanto Suplicy tiveram uma mudança de posição. Essa proposta de renda básica está, em Gorz, muito próxima e articulada com a idéia de redução de tempo de trabalho e a idéia de favorecer atividades que tenham valor social, mas não tenham valor de mercado. Seriam três propostas: o estabelecimento de uma renda básica, uma política de redução do tempo de trabalho e o incentivo a atividades de valor social, artísticas, artesanais, do terceiro setor, etc.

IHU On-Line- Em relação a reivindicações tão importantes no mundo do trabalho, que papel estão desenvolvendo os sindicatos?

Josué Pereira da Silva- É uma situação difícil, porque a crise do sindicalismo está associada com essa diminuição do trabalho. É uma situação paradoxal, porque, para que o sindicato se mantenha forte, é necessário que haja não só um nível de emprego alto, mas que as pessoas tenham sua vida estruturada pela atividade do trabalho, ou seja, trabalhem em tempo integral. Se o tempo de trabalho se reduz drasticamente, as pessoas não podem ser mais definidas apenas como trabalhadoras. Aí o sindicato não teria nenhum papel fundamental na estruturação da vida dessas pessoas. As concepções tradicionais de sindicalismo têm medo de perder essa força cultural ideológica que o trabalho tem para a sociedade. Foi sobre essa valorização do trabalho que o sindicato se estruturou, coincidindo com a valorização que o capitalismo deu ao trabalho. O capitalismo, com a intenção de conseguir trabalho servente e o sindicato com a convicção de que o trabalho dá dignidade às pessoas. É muito interessante, mas é um paradoxo. Uma atividade que é considerada uma das principais na sociedade: trabalhar é uma honra, um direito, etc, mas, ao mesmo tempo, como o capitalismo não consegue oferecer trabalho, quem acaba pagando a conta é a vítima do desemprego, porque ela se sente culpada pelo próprio fracasso. Os sindicatos podem também incorporar setores sociais que não estão necessariamente no mercado de trabalho, mas, para isso, precisaria uma mudança na concepção dos sindicatos.

IHU On-Line- Alguns estudiosos dizem que tirar o peso dos impostos que incidem sobre os salários, pode melhorar o nível de emprego, como o Sr. veria essa reforma?

Josué Pereira da Silva- Pode acontecer uma pequena melhora, mas uma melhora com precarização das condições de trabalho, ela pode ter um efeito pior do que existe agora. Criar trabalhos precários, mal remunerados e sem garantias, não é solução. Os Estados Unidos criaram o maior número de empregos nas últimas décadas e dizem que têm o índice de desemprego mais baixo do mundo. O tipo de emprego que os americanos criaram lá, não é o tipo tradicional com todos os direitos, são empregos parciais, sem garantias trabalhistas. Entrar apenas parcialmente no mercado de trabalho, sem os direitos completos, não resolve nada, é só precarização. Isso é o que eu acho no caso de uma liberalização total das normas trabalhistas. Tanto é que nessas discussões fala-se até em negociação de tirar os feriados remunerados, ou não pagar o trabalho realizado aos sábados e domingos, e isso são conquistas que foram feitas ao longo da história. Essas modificações seriam um regresso, uma manifestação de capitalismo selvagem. E ainda assim, não seria garantia de que o emprego cresça, porque o objetivo das empresas não é criar emprego, e sim lucro.

IHU On-Line- Quais as conseqüências que a Alca poderia trazer ao mundo do trabalho?

Josué Pereira da Silva- Eu não sou um estudioso de política internacional, mas estou muito preocupado com a política dominante dos Estados Unidos. A entrada do Brasil e América Latina na Alca dificilmente seria com simetria de poderes ou de direitos. Eu seria mais favorável a uma discussão mais prolongada disso aí para, se for o caso, entrar de forma mais organizada e mais estruturada, em bloco, como Mercosul.

“A ECONOMIA SOLIDÁRIA DEVE TENCIONAR O GOVERNO A FAVOR DOS TRABALHADORES”

Entrevista com Dalila Pedrini

Dalila Maria Pedrini é doutora e mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Dalila é professora e pesquisadora aposentada da Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB e atualmente está se transferindo para Brasília a

*fim de assumir, dentro da Cáritas Brasileira, organismo da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a coordenação da área **Construção e Conquista da Democracia e de Políticas Públicas**. Ela desenvolverá um trabalho de interface com o Programa Economia Solidária e Autogestão, um trabalho de coordenação nacional, de mobilização da sociedade via braços regionais da Cáritas para conquistar políticas públicas.*

*A professora teve participação em diversos livros publicados, como **Incubadora de Empresas da Universidade Regional de Blumenau**. In: **Economia Solidária Um setor em desenvolvimento**. Rio Claro: Prefeitura de Rio Claro / URB-AL, 2002; **Associativismo Econômico: apenas uma resposta dos setores populares a crise do capital ou mais que isto?** In: **Novos Olhares sobre Blumenau**. Blumenau: Edifurb Cultura em Movimento, 2000; **Uma experiência que aponta caminhos** In: **A Economia Solidária no Brasil**, São Paulo: Ed. Contexto, 2000 e outros.*

IHU On-Line- Como está a Economia Solidária no Brasil?

Dalila Pedrini- Esse movimento teve seu momento forte na criação do GT brasileiro, que é formado por todas as entidades que atuam com Economia Solidária no Brasil, como a Cáritas, o Ibase, a Anteag, Rede de Incubadoras, etc. Essas grandes entidades nacionais que atuam no Brasil inteiro, formaram esse GT e, com a nossa base, fizemos duas grandes plenárias nacionais, uma em São Paulo, e a outra durante o III Fórum Social Mundial. Em Brasília, aconteceu nestes dias, a terceira plenária. Na primeira plenária, éramos 400, 500 pessoas do Brasil. Fizemos uma carta ao Governo Lula, com propostas concretas. Eles ficaram sensíveis, e o Governo de Transição recebeu a nossa comissão e fez o lançamento da Secretaria de Economia Solidária que só foi oficializada há um mês. A criação da Secretaria é uma ação do Governo, mas como resposta à organização do Movimento da Economia Solidária no Brasil. A interlocução principal dessa Secretaria vai ser um fórum nacional de Economia Solidária, criado durante a plenária em Brasília. Segundo Paul Singer, novo secretário da Secretaria de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, esse fórum vai ser o interlocutor principal, não vai ser a OCB. Hoje já temos organizado no Brasil um Fórum de Gestores em Economia Solidária. As prefeituras e os governos estaduais brasileiros que trabalham com Economia Solidária já têm uma articulação própria, que é esse Fórum. Eles também fazem parte do Movimento de Economia Solidária e serão os interlocutores da Secretaria.

IHU On-Line- Como o Movimento pode influenciar mais nas decisões do Governo em favor dos trabalhadores?

Dalila Pedrini- Este é um governo de tensões. Ele pretende fazer as coisas, mas é um governo tencionado por forças externas e internas. Forças externas são os setores que, durante todos os séculos, mantiveram os benefícios e querem continuar mantendo-os, para que o Governo não concretize o que ele se propôs. Internamente, o Governo também não é um bloco unitário. A contradição está presente. Nosso papel no Movimento de Economia Solidária é o de tencionar o Governo a favor dos trabalhadores, na luta pela construção da cidadania. Diante dessa tensão do Governo pelos dois lados, nós queremos nos organizar como movimento social que luta pelo direito ao trabalho e à cidadania. Não queremos somente postos informais de trabalho, mas postos de trabalho com perspectiva de continuar a luta dos trabalhadores. Economia Solidária não é só a geração de postos de trabalho e a construção de autogestão. Ela quer ser uma continuidade da luta histórica dos trabalhadores pelos seus direitos por vida digna e por um outro modelo de desenvolvimento. Nós entendemos essa contradição e queremos gestioná-la. Enquanto uns lutam para que não percam seus direitos, nós continuamos lutando para que a cidadania ativa se concretize.

IHU On-Line- Quais suas expectativas em relação a essa Secretaria de Economia Solidária?

Dalila Pedrini- Essa Secretaria vem oferecer respostas às grandes demandas da Economia Solidária brasileira. Dentro da Secretaria há um setor de formação, pois o Paul Singer entende que os próprios órgãos governamentais não conhecem o que é Economia Solidária, por ser um fenômeno novo. Nossa expectativa é que o Governo Federal e os seus órgãos compreendam aos poucos o que é Economia Solidária, para que ela possa ocupar um espaço no sentido de receber recursos e ser concretizada. Nós sabemos que isso não é algo fácil. Sabemos que não teremos de imediato recursos, condições de apoio para concretizar a Economia Solidária nos estados; sabemos que o funcionamento vai ser com base na nossa intervenção junto ao Governo, para que ela se torne com a “cara” de Economia Solidária. Há setores de esquerda, quer seja dentro do sindicalismo, quer seja dentro do PT, que não concordam com a Economia Solidária, porque acham que é um movimento reformista. Esses grupos observam os limites. Nós reconhecemos que eles existem. Eles (os grupos) não acreditam que é possível continuar a luta dos trabalhadores via Economia Solidária. Eles não entendem que em todos os momentos que a Economia Solidária ressurgiu, fortaleceu a luta dos trabalhadores, fortaleceu a construção de uma cidadania ampla. São setores que não concordam ideologicamente e não aceitam.

IHU On-Line- Quais seriam as principais limitações da Economia Solidária?

Dalila Pedrini- Um dos grandes desafios da Economia Solidária é o seu isolamento e, em contrapartida, a sua possibilidade de estar em rede. O contraponto ao isolamento é a Economia Solidária estar junto aos movimentos sociais existentes no Brasil hoje, como a luta pela moradia, pela terra, o movimento de mulheres, etc. A Economia Solidária tem que se constituir como um movimento correlato a esses movimentos, formando a sociedade civil. Mesmo quando a Economia Solidária transita no mercado, ela tem um transitar diferente do mercado neoliberal. Ela busca outras formas, apesar de ter produção, comércio, todo o processo econômico. Essa inserção no mercado é um desafio. E um dos maiores é a comercialização. O outro são os recursos. O outro desafio é a questão legal. Por exemplo, a Legislação cooperativista. Todas as leis tributárias, a lei das falências, são problemas que se devem enfrentar. Temos que mudar essas leis, que são os gargalos da Economia Solidária. Outra questão que justifica nossa luta pela criação da Secretaria é transformar a Economia Solidária numa política pública. O direito ao trabalho tem que se efetivar. Hoje ela uma é ONG. Não temos nenhum governo que assuma isso como política. Com relação aos trabalhadores, temos outros desafios. Um deles é com relação à formação dos trabalhadores, tanto técnica quanto formação para autogestão e para compreensão do processo da luta. Muitas das pessoas que vêm para a Economia Solidária são de setores excluídos do mercado. Geralmente são analfabetos ou têm uma educação muito pequena e muitos deles só fizeram trabalho informal. Têm uma preparação muito pequena para o desafio de assumir os empreendimentos e entender como se participa de uma rede. Estão acostumados a trabalhar e produzir, mas como fazer isso em rede?

Confira a seguir a programação completa do 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e o IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho

Dia 01 de julho – terça-feira:

9h45min – Conferência: **Trabalho e memória**

Profª. Drª. Maria Ciavatta – PPG Educação – UFF

Profª. Drª. Marluza Marques Harres - PPG História – Unisinos

Coordenação: Prof. MS Dáris Corbellini - Unisinos

14h – Mesa-redonda 1: **Mudanças no mundo do trabalho e seu impacto na atualidade**

Local: Auditório do Centro de Ciências Jurídicas

Prof. Dr. Lee Pegler – Institut of Social Studies – Haia

Profª. Drª. Mona Gagnon – Université de Montréal - Montreal

Prof. Dr. José Luiz F. Prunes - PPG Direito – Unisinos

Coordenação: Profª. Drª. Sílvia Araújo - UFPR

18h - Sempre às Terças Especial – Na Ozzeti – Música Popular

Local: Anfiteatro Padre Werner

19h30 – Lançamento de livros e coquetel

Responsável pelo lançamento de livros: Profª. Drª. Jacqueline Silva – Unisinos

Dia 02 de julho – quarta-feira

8h30min – Mesa-redonda 2: **Alternativas associativas e autogestionárias de organização econômica e social**

Prof. Dr. Jean-Louis Laville – LSCI-CRIDA – Paris

Prof. Dr. José Luis Coraggio – Universidad General Sarmiento – Buenos Aires

Prof. Dr. Inácio Neutzling – PPG Ciências Sociais Aplicadas – Unisinos – coordenador do IHU

Coordenação: Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger - Unisinos

11h30min – Painel: **Projetos e ações em prol do trabalho solidário**

Prof. Dr. Francisco Mazzeu: o Programa de Inclusão Social e o Projeto Empreender, da Unitrabalho

Prof. Dr. Paul Singer – Secretário Nacional de Economia Solidária Profª. MS. Ana M. Sarria Icaza - Programa do Instituto Humanitas Unisinos, de apoio a iniciativas de Economia Solidária

Coordenação: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

14h – Grupos de Trabalho (Comunicações por inscrição espontânea):

Coordenação geral: Prof. MS Dáris Corbellini - Unisinos

Autogestão e cooperação no trabalho, Direito e trabalho, Educação e trabalho, História e trabalho, Linguagem e trabalho, Mudanças e tendências no mundo do trabalho, Mulheres e trabalho, O ócio e os novos sentidos do trabalho, O sindicalismo diante das mudanças no mundo do trabalho, Saúde e trabalho, Subjetividade e trabalho, Trabalho e vulnerabilidade social.

GT Especial: a Economia Solidária no RS

14h30min – Reunião do Conselho Consultivo da Cátedra Unesco – Unisinos

Coordenação: Prof. Dr. Domingos Donida - Unisinos

17h às 18h – Reunião de Redes de Pesquisa e de Ensino de Pós-Graduação

Economia do crime – Profª. Drª. Jacqueline Silva – PPG Ciências Sociais Aplicadas - Unisinos

Acidentes de trabalho – Profª. Drª. Élide Azevedo Hennington – PPG Ciências da Saúde – Unisinos

Economia solidária (Extensão) – Profª. MS Ana M. Sarria Icaza – Instituto Humanitas Unisinos

Economia solidária (Pós-Graduação e Pesquisa) – Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger – PPG Ciências Sociais Aplicadas – Unisinos

Emprego e relações de trabalho – Profª. Drª. Sílvia Maria de Araújo – PPG Sociologia - UFPR

Juventude latino-americana – Prof. Dr. Hilário Dick – Instituto Humanitas Unisinos

Rede de pesquisa e estudos Trabalho e Educação – Prof^a. Dr^a. Maria Clara Bueno Fischer – PPG Educação – Unisinos

Rede História e Trabalho – Prof^a. Cleci Favaro e Prof^a. Marluza Harres – PPG História – Unisinos

Dia 03 de julho – quinta-feira – Anfiteatro Padre Werner

8h30min – Mesa-redonda 3: **Políticas de trabalho e desenvolvimento**

Prof. Dr. Ricardo Cordeiro – PPG Saúde Coletiva – UNESP (Botucatu)

Prof^a. Dr^a. Maria Clara Bueno Fischer – PPG Educação – Unisinos

Conferencista da UNESCO a indicar [tema: O trabalho na perspectiva dos direitos humanos]

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Élide Hennington – PPG Ciências da Saúde - Unisinos

14h – Mesa-redonda 4: **Significado e importância do trabalho nas sociedades contemporâneas**

Prof. Dr. Guy Bajoit – Université Catholique de Louvain – Bélgica

Prof. MS Cláudio Gutierrez – Centro de Ciências da Saúde – Unisinos; Instituto de Estudios de Ócio – Universidad de Deusto - Bilbao

Prof^a. Dr^a. Cecilia Pires - PPG Filosofia – Unisinos

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Cleci Eulalia Favaro – Unisinos

Durante o evento, na quarta-feira, dia 2 de julho, às 14h, acontecerão os *Grupos de Trabalho*, nos quais os pesquisadores, sejam professores ou alunos de pós-graduação e de graduação, fazem suas *comunicações*. Será a ocasião para debater as mudanças no mundo do trabalho, inter e multidisciplinarmente, e nos quais os avanços e as tendências de alternativas para o mundo do mercado serão apresentadas.

Os GTs, com o número de inscrições, são os seguintes:

Autogestão e Cooperação no Trabalho – 15 comunicações

Saúde e Trabalho - 11 comunicações

Trabalho e Vulnerabilidade Social - 8 comunicações

História e Trabalho – 8 comunicações

Linguagem e Trabalho – 3 comunicações

Subjetividade e Trabalho – 9 comunicações

Mudanças e Tendências no Mundo do Trabalho – 13 comunicações

Educação e Trabalho – 11 comunicações

GT Especial – A Economia Solidária no Rio Grande do Sul: Discussão dos resultados da Pesquisa

Autogestão, Eficiência e Viabilidade dos Empreendimentos Econômicos Solidários.

Cada participante receberá um Caderno de Resumos com o total de 71 comunicações para poder escolher de qual delas vai participar como ouvinte, debatendo com os comunicadores.

Será lançado o livro com os resultados do IIIº Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho, realizado em 2002 na Unisinos, com o título ***Mudanças no Mundo do Trabalho***, com a participação de 15 comunicadores.

ACONTECE

Integração alunos e IHU

O Instituto Humanitas Unisinos foi escolhido por um grupo de estudantes do curso de Relações Públicas da Unisinos para a execução de um trabalho da disciplina Projeto Experimental II. Os alunos Aline Amaral, Licia Silva, Rafael Araujo, Renata Pena, Ricieri Campello e Volnei Souza desenvolveram um projeto sobre o IHU e suas atividades, envolvendo pesquisa de recepção na Universidade e estratégias de divulgação e propagação das atividades do Instituto no meio acadêmico. O trabalho culminou com uma exposição do projeto no Centro de Ciências da Comunicação, no último dia 25 de junho. A professora Vera Regina Schmitz, coordenadora adjunta do IHU, e Susana Rocca, da Área de Concentração Ética Cultura e Cidadania, estiveram presentes na apresentação dos alunos.

Desenvolvimento Econômico e Social

Representando o Instituto Humanitas Unisinos, o professor MS Laurício Neumann, coordenador da Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU, participou do encontro do Plano Plurianual da Secretaria Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, do Ministério de Desenvolvimento do Governo Federal, realizado em Porto Alegre, no dia 24 de junho. Segundo o Prof. Laurício, no encontro discutiu-se a participação e inclusão da sociedade como um todo, visando ao crescimento sustentável, ao emprego e à inclusão social. O público do encontro foi composto por representantes de ONGs e outras entidades e instituições. Os participantes dividiram-se em três grupos de trabalho, para discutir três principais objetivos. São eles: *inclusão social e redução das desigualdades sociais; crescimento com geração de trabalho, emprego e renda, ambientalmente sustentável e redutor das desigualdades regionais; promoção e expansão da cidadania e fortalecimento da democracia*. Cada grupo discutiu os desafios dos tópicos e encaminhou sugestões concretas sobre os impasses apresentados.

Pastoral

No dia 27 de julho, estiveram reunidos no Instituto Humanitas Unisinos, os integrantes do núcleo temático pastoral da Área de Concentração 3 Teologia Pública: Prof. Dr. Pe. Érico Hammes, Prof. MS Pe. José Quirino Weber SJ, prof MS José Lara, Profª Rosa Bavaresco, Vanderlei Backes SJ e Profª Ms. Agueda Bichels. Além de dar continuidade aos seus trabalhos, o grupo organizou a agenda para o segundo semestre.

ANÁLISE DE CONJUNTURA

CAPITULAÇÃO

*Demétrio Magnoli, doutor em geografia humana pela USP e editor do jornal **Mundo Geografia e Política Internacional**, analisa a visita de Lula aos EUA em artigo publicado na **Folha de S. Paulo**, em 26 de junho de 2003, sob o título acima. Reproduzimos, na íntegra, o artigo.*

"Lula voltou de Washington mais falastrão do que nunca. Em discurso na CNI (Confederação Nacional da Indústria), trombeteou que ninguém -"cara feia", "Congresso Nacional" ou "Poder Judiciário"- o impedirá de fazer "este país ocupar o lugar de destaque que ele nunca deveria ter deixado de ocupar". A única exceção seria uma eventual intervenção divina contra o Brasil. A metralhadora giratória voltou-se também na direção da diplomacia de FHC: "Eu acho que nós já conseguimos, em seis meses, do ponto de vista de política internacional, aquilo que muitos que estudaram a vida inteira não conseguiram fazer".

O encontro de Lula com Bush representa, de fato, um marco. Em poucas horas, o presidente brasileiro derrubou todo o edifício de argumentos construído pelo Itamaraty nos últimos sete anos, capitulando às posições dos EUA sobre a Alca. A capitulação foi expressa por escrito num comunicado conjunto assinado pelos dois presidentes.

O Brasil comprometeu-se com "a conclusão exitosa das negociações para uma Área de Livre Comércio das Américas até janeiro de 2005", rendendo-se ao prazo exigido por Washington e desistindo, sem luta, da proposta de extensão das negociações até 2007. Em seguida, o comunicado conectou o combate ao protecionismo às negociações da OMC (Organização Mundial do Comércio), exatamente como queria a Casa Branca. Assim, em três parágrafos, Lula jogou no lixo toda a estratégia política elaborada para a grande batalha da Alca e conferiu ao Brasil uma posição negociadora similar à de Honduras.

Os EUA têm um sofisticado sistema de protecionismo comercial. Esse sistema não se estrutura em torno de tarifas de importação, que estão entre as menores do mundo, mas de um arsenal legislativo antidumping e de impressionantes subsídios à agricultura. As leis antidumping, formalmente dirigidas contra a concorrência externa desleal, veiculam de fato os interesses de lobbies industriais incapazes de competir com eficiência. Elas propiciam a imposição, numa base unilateral e seletiva, de cotas de importação e tarifas "excepcionais" contra produtos estrangeiros. A siderurgia decrépita americana sobrevive sob o amparo dessas leis, que punem os produtores de aço da China, Coréia do Sul, Rússia e Brasil.

Os subsídios aos agricultores, por sua vez, enquadram-se na disputa global entre os EUA e a União Européia. No ano de 2000, os agricultores americanos receberam em subsídios mais de US\$ 30 bilhões, o equivalente a cerca de 60% da renda líquida gerada por todo o setor agrícola. Os produtores de soja receberam subsídios de quase US\$ 3 bilhões, um valor igual a dois terços de todas as exportações brasileiras de soja.

Atentado à casamata negociadora brasileira

Desde o lançamento do projeto da Alca, em 1995, o Brasil orientou a sua posição negociadora para bombardear os dois pilares do protecionismo americano, reivindicando a limitação do uso

das leis antidumping e um corte profundo nos subsídios agrícolas. Essa trincheira política serviria para promover a unidade do Mercosul e, mais adiante, a da América do Sul. A proposta, veiculada nos últimos meses, de adiar o prazo das negociações para 2007 representava uma reação à oferta inicial de Washington, que remete a discussão desses temas para a OMC.

No encontro com Bush, Lula promoveu um atentado devastador contra a casamata negociadora brasileira. Antes da assinatura dos termos oficiais de capitulação, os diplomatas brasileiros e americanos costuraram a fórmula de uma "Alca light", pela qual os temas em litígio ficariam de fora do acordo. Essa fórmula é um frágil disfarce da decisão de concluir a Alca sem tocar nos subsídios e leis antidumping dos EUA.

O caminho foi pavimentado para a Alca dos sonhos de Washington. As negociações se concentram agora na redução de tarifas industriais, o que equivale, essencialmente, a uma abertura unilateral dos mercados do Brasil e da Argentina. No quadro da OMC, a discussão do comércio agrícola não oferece problemas para os EUA, que podem continuar a condicionar a redução dos seus subsídios à improvável reforma da política agrícola comum da União Européia. De quebra, o intocado arsenal antidumping permite que as concessões tarifárias americanas na Alca sejam "compensadas" por taxas e cotas punitivas aplicadas unilateralmente.

O comunicado conjunto é um documento de capitulação exemplar. As frases genéricas refletem algumas posições brasileiras. Todos os compromissos específicos condensam as posições dos EUA. É um texto que deveria ser indicado como estudo de caso no curso de formação de diplomatas do Itamaraty.

Reviravolta regressiva

Na prática, os compromissos assinados implicam uma reviravolta regressiva na posição negociadora brasileira. No quadro da Alca, o Brasil fica condenado a enrolar as suas bandeiras políticas antiprotecionistas, que têm ressonância internacional, e a empreender discussões meramente técnicas sobre grupos de tarifas de importação e cronogramas de abertura de mercados. Nesse terreno sem princípios, a unidade do Mercosul e da América do Sul torna-se uma quimera retórica, pois o que vale são os interesses seletivos e particulares de cada país.

A embaixadora americana Donna Hrinak declarou-se "impressionada com a coincidência de pontos de vista" entre Lula e Bush, definindo o encontro como "ótimo". Lula voltou exultante de Washington, gabando-se de que, ao lado de Bush, vai "surpreender o mundo em termos do relacionamento entre o Brasil e os EUA". O chanceler Celso Amorim classificou a visita como "histórica". Claro que todos eles têm razão".

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

Gilberto DUPAS, **Tensões contemporâneas entre o público e o privado**, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

*Quem é o autor? Gilberto Dupas é o coordenador-geral do Grupo de Conjuntura Internacional da USP e presidente do Instituto de Estudos Econômicos Internacionais – IEEI. É co-editor da **Revista Política Externa** e autor de vários livros entre os quais o instigador **Ética e poder na sociedade da informação**, São Paulo: Unesp, 2001.*

O livro desta semana, **Tensões contemporâneas entre o público e o privado** é apresentado por **Francisco de Oliveira**, professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da USP. Francisco de Oliveira, escreve: “Como na melhor tradição legada pelos grandes economistas, é no carrefour da revolução molecular-digital combinada com as condições ético-políticas de nosso tempo, que se deve proceder às novas interrogações. A aventura teórico-ética não se resolve positivamente sempre, mas é a condição necessária para fazer saltar os biombos economicistas detrás dos quais se esconde o drama do nosso tempo: como fazer nas sociedades complexas, sem a nostalgia do mito, para que os cidadãos decidam os negócios da Pólis? Como criar outra vez a atividade mais nobre e domar as forças da barbárie tecnologizada?”

Por sua vez, **Alain Touraine**, diretor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris, escreve, que cavalcando pelos “círculos do inferno pós-moderno, Gilberto Dupas não nos deixa aniquilados pelo desespero de nossa impotência, mas animados pela consciência nova de fazer da construção de nós mesmos – como sujeitos – a única forma capaz de se opor às forças diabólicas desenfreadas. Seu pessimismo é carregado de esperança”.

Enfim, trata-se de um livro, que todos os professores e professoras das matérias do humanismo social cristão poderiam ler e estudar com muito proveito.

*A seguir, reproduzimos, na íntegra, a entrevista de Gilberto Dupas concedida ao jornal **Valor Econômico**, 24 de junho de 2003. Os subtítulos são nossos.*

INCLUÍDOS E EXCLUÍDOS NAS NOVAS CASTAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Valor - Seu livro é, senão pessimista, pelo menos muito aflitivo.

Gilberto Dupas - Eu penso que as tensões que vivemos foram geradas por uma profunda confusão entre o espaço público e o privado e pela perda geral de valores. Hoje temos as grandes corporações decidindo quais são os produtos que se tornarão objeto de desejo. Definindo, ou pelo menos manipulando os desejos, e reduzindo o cidadão a um consumidor. No mundo de hoje, a sociedade não tem mais espaço de decisão, pois as grandes decisões estão nas mãos da lógica privada. Dois anos bastaram para mostrar que o século XXI tem mais chances de ser um século de sombra que de luz. A verdade é que, no século XX, a manutenção da utopia socialista funcionava de alguma forma, criando um espaço vazio para uma certa reflexão. Sem as ideologias, restou um sistema econômico muito fragmentado,

buscando objetivos pragmáticos. Isso se expressa na posição unilateral americana, que define os valores universais a partir de seus próprios valores e que se imagina capaz de mudar regimes e culturas através da força e do mercado.

Excluído é o não conectado

Valor - Nesse mundo despedaçado, o que restou ao indivíduo?

Dupas - O indivíduo acaba se agregando a grupos particulares, as Ongs por exemplo, nos quais tenta fazer política através de lutas fragmentárias. A política se reduz a demandas particulares. Além disso, o indivíduo deixou de ser cidadão para ser consumidor. O espaço emblemático público se transformou, então, num grande espaço mediático. Outro dia, na avenida Marginal, eu vi passar a meu lado, em vez de um trem, uma imensa barra de chocolate, e os passageiros lá dentro foram transformados no conteúdo de um imenso invólucro comercial. O indivíduo, hoje, se integra, ou se exclui, através da rede de informações. O incluído é aquele que é capaz de se transformar num pequeno ponto dessa rede, de ter interlocução com o sistema. Já o excluído é simplesmente aquele que não consegue entrar na rede. De outro lado, o indivíduo, na sua privacidade, se vê atropelado pela sociedade da vigilância. É o indivíduo do Big Brother, de George Orwell, que perde totalmente sua privacidade. Essa visão se expande e se aplica à existência ou não de armas químicas no Iraque, aos satélites verificando quem tem ou não instalações nucleares, ela se dissemina pelo planeta.

Liberdade e Responsabilidade

Valor - O que vem a ser, hoje, a liberdade?

Dupas - Na teoria liberal clássica, ser livre é gozar de uma esfera de ação o mais ampla possível. Já na teoria democrática, ser livre é criar leis para si mesmo. Os estados modernos tentaram combinar essas duas tendências. Mas, na pós-modernidade as prerrogativas dos indivíduos e das corporações se tornaram predominantes. Restou-nos uma crise de identidade. De um lado, o indivíduo se torna uma personalidade de performance e de desempenho. Por outro, são lhe dadas cada vez menos oportunidades reais. Contraponho esta personalidade narcísica de hoje a uma sociedade ética. Em vez do narciso controlado pelo radar, sempre a responder estímulos externos, proponho uma ética sustentada por um giroscópio interior. Fica a pergunta: como resgatar a liberdade como um elemento de responsabilidade? No cinema você nota isso, as pessoas cada vez mais falam com as outras, ou atendem o celular, como se estivessem na sala de suas casas. A visão do respeito coletivo é substituída pela exacerbação do direito individual. Acontece que o indivíduo conectado é, na verdade, um homem sem liberdade. Ele tem que atender o celular 24 horas por dia, porque não pode perder nenhuma chance de acesso à rede. Ele está preso”.

Artigo da semana

OS SINDICATOS VÃO SOBREVIVER NO SÉCULO 21?

*Especialista em relações do trabalho e desenvolvimento institucional, o sociólogo José Pastore escreveu o artigo que reproduzimos a seguir, publicado no jornal **O Estado de S. Paulo**, em 17 de junho de 2003.*

***José Pastore** é professor aposentado da Faculdade de Economia e Administração e pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, ambas da Universidade de São Paulo (USP). Pastore é autor*

de vários livros, entre eles citamos **O Desemprego tem Cura?**, São Paulo: Makron Books, 1998 e **Trabalho, Família e Costumes**, São Paulo: LTR Editora Ltda, 2001.

“Passei alguns dias em Bruxelas para apreender junto aos órgãos da União Européia o que está acontecendo com o relacionamento entre empregados e empregadores. Por força da presença desses órgãos, Bruxelas se transformou num rico nicho para instituições que estudam o trabalho. Uma delas é o Instituto Europeu dos Sindicatos dos Trabalhadores, que tem um excelente quadro de pesquisadores.

Jeremy Waddington e Reiner Hoffmann publicaram um estudo de 713 páginas cujo objetivo é responder a uma intrigante questão: os sindicatos do mundo ocidental sobreviverão ou serão extintos ao longo do século 21?

Os autores procuram responder essa questão, analisando o desempenho e o futuro dos sindicatos dos 15 países membros da União Européia. A conclusão é pessimista. Os sindicatos estão falhando no acompanhamento das mudanças econômicas, tecnológicas e sociais e, em consequência, vêm perdendo força, filiação e prestígio junto aos trabalhadores.

O principal indicador da crise é a redução da presença física dos sindicalistas junto às empresas. Na Alemanha, onde há uma lei que garante a presença sindical nos locais de trabalho, isso ocorre em apenas 6% dos casos. Os sindicatos têm encontrado uma enorme dificuldade para se fazer presente nos ambientes tecnificados e nos setores de comércio e serviços.

Mais de um terço dos seus associados são aposentados ou desempregados. O quadro é de grande desilusão.

De um modo geral, os sindicatos se ressentem da falta de líderes para assumir posições de direção. Na França, Itália e Espanha, eles perdem prestígio para novos organismos da sociedade civil, em especial as organizações não-governamentais que lidam com meio ambiente, movimentos feministas, anti-raciais e outros. Nenhum destes, porém, é substituto dos sindicatos nos locais de trabalho.

Na Holanda, a credibilidade dos sindicatos também vem caindo por força, em grande parte, da explosão do trabalho em tempo parcial, cuja força de trabalho é altamente feminizada e desinteressada do movimento sindical. Só na Suécia e outros países da Escandinávia, 50% das empresas têm representantes sindicais junto às empresas (Jeremy Waddington e Reiner Hoffmann, organizadores, **Trade unions in Europe**, Bruxelas: European Trade Union Institute, 2000)”.

Entrevista da Semana

A ‘VACATION PHOBIA’

*Cary Cooper, professor de Psicologia Organizacional e Saúde da Manchester School of Management e conselheiro da Organização Internacional do Trabalho (OIT) analisa um dos aspectos da crise do mundo do trabalho que se manifesta no pavor de tirar férias e, na volta, ser eliminado ou substituído. Reproduzimos a entrevista publicada no jornal **Valor Econômico**, de 23 de junho de 2003, com o título “Para nunca mais sentir medo de sair em férias”.*

Valor: As taxas de "vacation phobia" são proporcionais às de desemprego em cada país?

Cooper: A doença se manifesta em sociedades em que a insegurança no trabalho é uma constante, e tem estado presente nos Estados Unidos já ao longo de várias décadas. Eu diria

que os primeiros casos aconteceram a partir dos anos 70. As pessoas não têm fobia do fato de estar em férias, mas sim de tirá-las. Elas querem mostrar ao empregador o compromisso delas com o emprego. A idéia é de que quanto mais tempo ficarem fora, menos influência terão em seu ambiente profissional.

Valor: Quando o fenômeno deixou as fronteiras dos Estados Unidos?

Cooper: A doença chegou à Europa no início dos anos 80, primeiramente no Reino Unido e na Irlanda. Foi justamente nesses países que o estilo americano de trabalhar se manifestou de forma mais clara, ao contrário do que aconteceu em lugares como a França, a Itália e a Espanha.

Valor: Qual é o estágio da "vacation phobia" em diferentes países atualmente?

Cooper: Eu tenho dados do Reino Unido. Uma recente pesquisa nacional mostrou que 10% dos trabalhadores não tiram férias e outros 25% não tiram todo o tempo a que teriam direito no último ano. Isso é muito grave. Na Europa Continental, que também inclui a Alemanha, no entanto, eles continuam a tirar férias integrais. Mas é preciso lembrar que a economia desses países têm tido desempenhos piores que o Reino Unido e a Irlanda.

Valor: Existe alguma relação entre a "vacation phobia" e o tamanho das empresas?

Cooper: Sim. O fenômeno tende a se manifestar com mais intensidade nas pequenas e médias empresas. Nas maiores corporações, há sempre alguém ou algum grupo para dar conta do recado. As férias também são mais tranquilas para quem trabalha para o governo.

Valor: A permanência no local de trabalho pode realmente prevenir ou evitar a demissão?

Cooper: A atitude de trabalhar horas demais e tirar menos férias é uma maneira de proteger o seu posto de trabalho. Mas eu acredito que o contrário acontece. Esse é um grande erro. Num mundo cada vez mais veloz e dominado pela era alta tecnologia e caixas de e-mails cada vez mais abarrotadas, nós precisamos muito tirar folgas do trabalho. As férias são importantes para a sua própria saúde e também para manter a família unida. Hoje, tanto o homem como a mulher trabalham em duas a cada três famílias na Europa. Eles não têm tempo para se encontrar ou dar atenção aos filhos. Todos estão muito preocupados com altas taxas de divórcio e outros problemas.

Valor: Existe alguma iniciativa para mudar esse cenário?

Cooper: Há cada vez mais discussões internacionais mostrando a importância das férias e de evitar longas jornadas de trabalho. Os empregadores estão sendo encorajados a ser mais flexíveis em relação ao modelo de folgas para os seus funcionários. Você pode até ver o homem como máquina, mas um mecanismo também se esgota se for posto para trabalhar ininterruptamente. Mas os europeus têm se mostrado mais abertos à discussão que os americanos.

Valor: Qual é o impacto para a o funcionário que não tira férias? As pessoas que trabalham com ele podem sofrer danos?

Cooper: Claro que sim. O primeiro perigo é o "burnout", que prejudica a saúde da própria pessoa, depois os problemas com os entes queridos, e então o funcionário passa a ficar menos produtivo. Estudos mostram que a atitude frente ao trabalho e ao grupo também muda. Um gerente, por exemplo, passa a se comportar como um autocrata, e também de maneira mais

agressiva frente aos seus subordinados. As habilidades sociais da pessoa ficam bastante prejudicadas.

Valor: O que fazer quando a ausência de um funcionário significa prejuízos para a empresa?

Cooper: Os novos tempos exigem um novo modelo. As pessoas deveriam tirar suas férias ou folgas quando elas sentissem necessidade. Isso é muito melhor do que tirar com todo mundo, durante as férias escolares, ou então depois de onze meses contínuos de trabalho. Talvez o melhor não seja tirar todo o tempo de uma só vez, mas sim dividi-lo ao longo do ano, com pausas mais curtas. Seria bem melhor ter uma semana no Natal e então outra em março, mais um pouco em julho e assim por diante.

Valor: Qual a garantia de que esse é um modelo melhor. Algumas pessoas argumentam que só se desligam do trabalho depois de dez dias de folga e só então começam a curtir as férias.

Cooper: É claro que tudo tem a ver com a personalidade e o tipo de trabalho que se faz. Se a pessoa é capaz de se desligar ou não. Se não é, talvez fosse melhor aumentar o período para duas semanas. A questão é: você está cansado? Quanto? Às vezes, apenas um fim de semana prolongado é suficiente para repor as energias. Mas eu insisto que são necessários períodos diferentes de descanso ao longo do ano.

Valor: Algumas pessoas ficam muito estressadas quando estão longe do trabalho. Tirar férias, mas permanecer em contato com o escritório, pode ser uma boa solução?

Cooper: Esse é um problema que tem se tornado cada vez mais comum. Um terço dos executivos do Reino Unido levam celular nas férias e têm contato freqüente com o escritório. Os empregadores chegam ao absurdo de pegar o número do hotel! Isto é muito ruim, mas não seria tão prejudicial se acontecesse apenas para emergências. O fato de ser interrompido várias vezes faz com que você comece a se preocupar com os problemas. E as férias servem para afastá-lo dos problemas. Férias exigem paz.

Valor: Mas um workaholic pode ficar ainda mais ansioso se não estiver em contato.

Cooper: Para workaholics extremados, o que eu aconselho é tirar duas semanas e entrar em contato uma vez a cada três dias para checar se está tudo bem e, assim, sentir-se mais calmo. Mas isso serve só para pessoas que não vivem sem trabalho.

Valor: E para quem diz que não precisa de férias, seja pela "vacation phobia" ou por estilo, o que o Sr. recomenda?

Cooper: Eu digo que se ele se sente tão inseguro em relação ao seu trabalho, a ponto de não se sentir confortável em ficar ausente por um período tão curto, de apenas quatro semanas, o melhor a fazer é procurar um outro emprego.

Valor: O que o Sr. pensa sobre a licença maternidade? No Brasil, as mulheres ficam entre quatro a cinco meses fora do escritório.

Cooper: Creio que o ideal seria que o casal tivesse direito a decidir quem fica com o bebê e por quanto tempo. Por exemplo, a mulher poderia ficar os três primeiros meses e o homem outros três meses. O tempo poderia ser decidido de acordo com o grau de exigência do trabalho de cada um. O problema é que os homens não estão tão inclinados a ficar em casa na América do Sul. O incorreto é abrir mão dos direitos com a falsa ilusão de que vai proteger o posto de trabalho. Mas se não for encontrada uma solução, uma nova doença pode surgir: a "maternity phobia". Mas isso já é outra conversa.

Deus nos jornais

Brasil aceita a Alca em 2005

O Globo analisa os motivos da mudança do PT

Numa ampla reportagem publicada pelo jornal **O Globo**, 24-6-03, são expostas as razões que teriam levado o governo Lula aceitar a Alca em 2005. Segundo a reportagem, “o presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu ceder e manter a data indicativa de janeiro de 2005 para o término das negociações para a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) para forçar os parceiros do Mercosul a avançarem no processo de integração. Mas esta posição, anunciada na sexta-feira passada, em Washington (EUA), depois de um encontro entre Lula e George W. Bush, só foi possível depois do resultado da reunião de chefes de Estado do Mercosul, do Chile e da Bolívia, em Assunção (Paraguai), dois dias antes da conversa com Bush”. Para quem acompanha as negociações da Alca e quiser entender a surpreendente posição do governo Lula referente ao tema, leia a íntegra da reportagem.

Por que dizemos não aos OGM?

Cientistas a favor de um mundo sustentável

No dia 15 de junho, o Comitê Científico sobre Manipulações Genéticas publicou um documento que recolhe as provas sobre o perigo dos Organismos Geneticamente Modificados – OGM – e sustenta abertamente a causa da agricultura sustentável. Segundo estes estudiosos, a não periculosidade dos organismos geneticamente modificados deve ainda ser demonstrada enquanto a agricultura biológica é uma fonte de segurança alimentar e bem-estar social que deve ser promovida de qualquer forma. O documento na íntegra pode ser consultado na íntegra, em inglês, no sítio www.indsp.org.

Eis uma síntese dos pontos principais do documento.

- 1.- Não conseguiram realizar os benefícios prometidos, nem pela produção agrícola, nem pelo ambiente.
- 2.- As linhas transgênicas são instáveis e não escampam das reações de resistência das ervas infestantes e dos parasitas.
- 3.- Não pode haver convivência entre culturas geneticamente modificadas e culturas não geneticamente modificadas, porque a contaminação transgênica é inevitável.
- 4.- Não foi demonstrado que as culturas transgênicas são seguras, e a normativa em vigor é ainda muito vaga (“princípio de substancial equivalência”).
- 5.- Alguns estudos evidenciam os riscos para a saúde produzidos pela alimentação com produtos transgênicos.
- 6.- Algumas culturas modificadas com ‘genes suicidas’ parecem favorecer a esterilidade masculina.
- 7.- A recombinação genética se transfere nas bactérias e nos vírus, com efeitos até agora imprevisíveis.

Alca não interessa ao Brasil

Professor da Fundação Getúlio Vargas – SP opina sobre a Alca

O economista Paulo Nogueira Batista Jr., professor da FGV-SP, em entrevista ao jornal **Folha de S. Paulo**, 20-6-03, afirma que “não interessa ao Brasil participar de áreas de livre comércio com economias muito mais desenvolvidas e poderosas como a dos Estados Unidos ou a da União Européia. Há diferenças enormes no grau de desenvolvimento entre essas economias e a brasileira que tornam inconveniente uma abertura total ou muito ampla do mercado que implicaria a Alca”. Para o economista, “do jeito que ela (a Alca) vem se configurando, vai haver

um profundo esvaziamento da política econômica nacional. A ambição norte-americana é tanta, em tantos temas, que o Brasil perderia todo um conjunto de instrumentos em políticas públicas. Não é exagero dizer que o País ficaria sem condições de ter um projeto de desenvolvimento nacional. Por exemplo, não seria mais possível favorecer os fornecedores nacionais em compras públicas, instrumento que pode ser utilizado para fomentar o desenvolvimento regional”.

Frases da Semana

Lula nos EUA - Rendição

“No tema mais urgente - a Alca -, a visita do Presidente aos Estados Unidos mostra que o esvaziamento estratégico das negociações foi substituído por fórmulas e por procedimentos que nos devolveram ao rumo da rendição” – Roberto Mangabeira Unger, professor de Ciências Políticas – **Folha de S. Paulo** - 24-6-03.

“Não deixa de ser surpreendente o resultado da visita do presidente Lula ao presidente Bush” – Antonio Delfim Netto, economista e deputado federal – **Folha de S. Paulo**, 26-6-03, no artigo intitulado “A Ousadia da Alca”.

“A boa notícia foi o comportamento de estadista que (Lula) demonstrou em Washington, quando disse que a Alca é um projeto político, não um simples projeto econômico” - Antonio Delfim Netto, economista e deputado federal – **Folha de S. Paulo**, 26-6-03, no artigo intitulado “A Ousadia da Alca”.

Alca 2005 – chance próxima de zero

“O ponto chave está com os EUA: se vão abrir seus mercados para os produtos agrícolas do Brasil, se vão eliminar subsídios para que seus produtos agrícolas possam concorrer com os produtos brasileiros, se vão eliminar as barreiras não-tarifárias. Se os EUA dissessem que iriam fazer isso, acho se poderia chegar a um acordo muito rapidamente. Mas não vejo nenhum sinal de que os EUA estejam ao menos querendo falar sobre esses assuntos. Esses temas, que eu vejo como absolutamente centrais para qualquer área de livre comércio nas Américas, ficaram para discussão na OMC. E na OMC não há nenhum progresso sendo feito. Os relatos recentes que vêm dos preparativos para o encontro ministerial de Cancún têm sido muito negativos. Na minha opinião, dada a magnitude da mudança dramática que seria necessária na política econômica doméstica dos EUA, acho que a probabilidade é próxima a zero (de terminar as negociações da Alca até 2005)” – Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia, ex-vice-presidente do Banco Mundial – **Folha de S. Paulo**, 30-6-03.

Lula sabe fazer a ‘lição de casa’

“Desde Fernando Henrique e, agora, desde Lula, de duas uma: ou temos, no Brasil, uma continuidade de governos de centro-esquerda, que aliás fazem a “lição de casa” que o imaginário político reservaria à direita, ou teremos governos de direita. Na Espanha de Felipe González também se falava de possíveis alternativas à esquerda... e surgiu a de (José María) Aznar, mais à direita. Um dos grandes problemas de Lula é manter a sua unidade de governo e controlar a sua esquerda. Se não for capaz disso, a alternativa virá pela direita que, aliás, tem a vantagem de não precisar assumir o ônus de fazer a “lição de casa”” – Francisco Weffort, sociólogo – **Estado de S. Paulo** – 22-6-03.

A fé de Lula. Nunca houve igual

“Surpresa total. Eu pensava que o PT acabaria dominado pelos radicais na área econômica. Mas o gênio político do Lula levou-o a entender que seria esmagado se fosse conduzido pelos esquerdistas. A fé que o governo Lula deposita na estabilidade nunca houve no Brasil. Nem o Fernando Henrique... Olha, o Dirceu fez outro dia um discurso para a Fierj, no Rio de Janeiro, mas a favor da estabilidade do que o Malan faria” – Olavo Setúbal, banqueiro, presidente do Conselho de Administração do Itaú – **Carta Capital**, 25-6-03.

Sitglitz e o governo Lula: diminuição da agenda social

“Em geral, a impressão do exterior sobre o Brasil tem sido muito positiva. Acho que a maior parte das pessoas crê que o governo tem feito um trabalho muito bom no começo. Mas a questão que muitas pessoas levantam é: está havendo um custo, a agenda social foi diminuída. Para satisfazer o mercado de capitais, ele está tomando ações conservadoras. Algumas dessas ações são boas. Acho que há um consenso amplo de que algo deveria ser feito com a Previdência. Nos EUA, Clinton gastou oito anos trabalhando muito duro para eliminar o déficit. Desistiu de uma parte muito grande de seu programa social. Ele tinha um documento chamado: “Colocando as pessoas em primeiro lugar”. Era o coração de sua agenda e a maior parte dela foi congelada por causa da redução dos déficits. Agora, muita gente que estava no governo Clinton vê tudo isso como um erro, porque, menos de um ano depois, todo o trabalho de redução do déficit foi destruído por Bush” – Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia e ex-vice-presidente do Banco Mundial – **Folha de S. Paulo**, 30-6-03.

Fome Zero é assistencialista

“Para sepultar qualquer idéia de que iria mudar o modelo, Lula propôs, como moeda de troca, o Fome Zero. Foi alçado como um grande programa nacional, uma contrapartida ao aperto monetário e fiscal. Infelizmente, é assistencialista. Corre o risco de desagradar mais do que agradar” – Gilberto Dupas, professor da USP – **Folha de S. Paulo** - 24-6-03.

Lula: Duro de avaliar!

“A primeira reforma que ele (Lula) enviou ao Congresso é a que abre o caminho para a autonomia do Banco Central. Esta medida, vinda de Lula, é dura de avaliar” - Renato Janine Ribeiro, filósofo – **Libération** – 24-6-03, na reportagem sobre o atual governo brasileiro intitulada “Lula: esquerdista arrependido”.

Lula: 120 km na economia... no social a 20 km!

“O governo dele (Lula), desde o primeiro momento, começou a andar a 120 km por hora na questão econômica, enquanto na nossa província, a província social, a velocidade nunca passou de 20” – D. Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral da Terra – CPT – **Estado de S. Paulo**, 27-6-03.

Busca por um emprego

“Numa hora em que o Brasil precisa melhorar a qualidade da educação, é triste ver uma pessoa formada em Pedagogia buscando um emprego de gari no Rio de Janeiro, numa fila onde, na segunda-feira passada, se acotovelaram 30 mil pessoas, no meio de um grande tumulto. Como a professora, estavam na fila advogados, médicos, fisioterapeutas, contadores e vários outros profissionais frustrados por viverem em um país que lhes permitiu estudar, mas não lhes permite trabalhar. É um absurdo! Os brasileiros estão desesperados. Todos querem emprego” –

Antônio Ermírio de Moraes, empresário, no artigo “A dramática busca por um emprego” – **Folha de S. Paulo** – 29-6-03.

Limite da vergonha

“Chegamos a um limite - o limite da vergonha. É vergonhoso ver 30 mil pessoas apanharem numa fila porque querem trabalhar e uma professora disposta a varrer as ruas porque não há lugar para ela na sala de aula” - Antônio Ermírio de Moraes, empresário, no artigo “A dramática busca por um emprego” – **Folha de S. Paulo** – 29-6-03.

Desemprego: ruptura e luto

“O desempregado recente vive um sentimento de ruptura, que deve ser encarado como a elaboração de um luto” - Gilberto Guimarães, diretor-geral no Brasil do Grupo BPI, empresa de “outplacement” (recolocação) e professor da FGV – **Folha de S. Paulo** - 29-6-03.

Economia é neutra em matéria de valores morais?

“Uma das manchas mais tenebrosas da história do cristianismo é que, durante cerca de quatro séculos, nações católicas ou protestantes consideravam com perfeita e igual naturalidade a captura e a compra e venda de seres humanos. Essa insensibilidade, que já não logramos conceber, deveria alertar-nos para a aberração de tratar a economia ou o comércio como atividades neutras em matéria de valores morais, obedecendo apenas a critérios de lucratividade” – Rubens Ricupero, secretário-geral da Unctad – Folha de S. Paulo – 29-6-03.

A nossa própria psicopatologia é a nossa salvação?

“A ciência dá por descontado que somos criaturas amplamente racionais, regidas por um calculado interesse próprio, tanto em grupo quanto pessoalmente. Mas isso não é verdade, como o ilustram milhares de novelas, histórias de vida e testemunhos judiciais. O perigo é que entendamos inconscientemente que nossa única esperança de liberdade, e nossa única possibilidade de encerrar outra vez o demônio da ciência em seu devido lugar, reside na nossa própria psicopatologia” - J.G. Ballard, escritor – **Página/12** – 29-6-03.

A Arquitetura segundo Demétrio Ribeiro

“Arquitetura é procurar a captação da beleza do espaço pelo maior número de pessoas” – Demétrio Ribeiro, urbanista – Caderno Cultura – **Zero Hora** – 28-6-03

O povo refém

“Há alguns serviços públicos no Brasil dos quais o povo é refém. O povo brasileiro é refém do poder judiciário, ninguém toca nele. O povo é refém do Ministério Público, do Exército, das Forças Armadas, das polícias, são corporações intocáveis” – José Paulo Bisol, ex-secretário de segurança do RS – **Press**, n. 25, 2003, p. 12.

O crime é um modo de viver

“O crime é um modo de viver, e está ligado a necessidades psicológicas, tanto no sentido da psicologia social como da individual” – José Paulo Bisol, ex-secretário de segurança do RS – **Press**, n. 25, 2003, p. 15.

“Você tem que reduzir a criminalidade pela infância e pela adolescência, porque depois que o criminoso percebe que pode ganhar em 15 minutos o que muita gente leva 30 dias para ganhar,

aí não tem mais cura” - José Paulo Bisol, ex-secretário de segurança do RS – **Press**, n. 25, 2003, p. 15.

Filme da semana

Lembramos que todos os filmes aqui apresentados foram vistos e analisados por colegas do IHU.

O HOMEM QUE COPIAVA

*Publicamos duas avaliações do filme. A primeira, de Neusa Barbosa, publicada no sítio www.cineweb.com.br e a segunda, de Marcelo Coelho, publicada na **Folha de S. Paulo**, 26-6-03. Por se tratar de um filme de um gaúcho, ambientado em Porto Alegre e, ao mesmo tempo, um filme polêmico, voltaremos a refletir sobre a produção. Se algum leitor ou leitora quiser se manifestar, pode enviar seu comentário para ihuinfo@poa.unisinos.br*

O HOMEM QUE COPIAVA

Neusa Barbosa

“O título remete a um protagonista (Lázaro Ramos) que xeroca sem parar - toda a sua informação é de segunda mão, recortada do todo onde fazia sentido. Bem ao contrário do filme, que é um exemplo de originalidade e vigor, mesmo carregado de múltiplas referências que o diretor-roteirista nunca procura esconder.

Um dos melhores roteiristas em atividade no Brasil nas últimas duas décadas, o gaúcho Jorge Furtado é do tipo que não tem a menor preguiça de trabalhar no sentido de criar situações, incidentes e reversões de expectativas. Suas histórias têm, assim, uma construção sólida invejável, com personagens bem-nutridos de biografia, psicologia, sonhos e motivos. Melhor ainda, Furtado procura sempre a mistura de gêneros, emaranhando drama, comédia, aventura, suspense, romance, passando de um ao outro com a mesma naturalidade abrupta que a vida cotidiana - mas sem esquecer que o cinema guarda espaço para um tempero surreal.

Com essa receita simples e nada fácil de concretizar, Furtado conta a história de André (Lázaro Ramos, de **Madame Satã**), 20 anos, segundo grau incompleto, operador de fotocopiadora numa papelaria de Porto Alegre. Nessa vida comum, descolorida e pobre de tudo, ele divide o apartamento com a mãe, desafoga energias e frustrações desenhando quadrinhos e sonha com Sílvia (Leandra Leal), a vizinha do apartamento em frente, que ele espiona com um binóculo todas as noites.

Para se aproximar de Sílvia, ele a segue até a loja de roupas em que ela trabalha. Começa uma conversa com a falsa intenção de comprar um roupão de presente para a mãe - o problema é que ele não tem dinheiro. Apesar de a roupa custar apenas R\$ 38,00, é demais para o bolso dele. Essa necessidade vira uma compulsão, que envolve André em esquemas de falsificação, assalto e muito mais, com a participação ativa do outro casal da história, a colega da papelaria, a assanhada Marinês (Luana Piovani), e seu namorado, Cardoso (Pedro Cardoso).

Com estes personagens suburbanos e trabalhadores, Furtado cria um panorama do universo jovem no Brasil - menos adolescente do que seu longa de estréia, o deliciosamente romântico **Era Uma Vez Dois Verões**. Tomara que o público embarque no jogo ativo que ele propõe, na originalidade visceral de **O Homem que Copiava**, que tem como seu ponto forte justamente não se parecer com filme nenhum, em sua mistura de gêneros e oscilação de tons, inclusive os

mais sombrios, especialmente na história familiar de Sílvia. E assim se possa fazer justiça a esta combinação de talentos de vários calibres, todos trabalhando no ritmo afinado do maestro Furtado que, no melhor estilo brasileiro, não se esquece de salpicar todo o caminho com um agudo senso de humor.

DOIS LADOS DE UMA MESMA CÉDULA

Marcelo Coelho comenta o filme **O Homem que Copiava** na sua coluna semanal da **Folha de S. Paulo**, em 25 de junho de 2003. Uma avaliação que ajuda, e muito, a discutir o filme. Reproduzimos o artigo, na íntegra. Os subtítulos são nossos.

“Não há favelados, nem retirantes, nem mendigos, muito menos operários e camponeses em “O Homem que Copiava”. Estamos longe dessas figuras caras ao universo da esquerda no filme de Jorge Furtado. Mas seu protagonista é jovem, negro e pobre; trabalha numa papelaria. Trata-se do rapaz do xerox - ou melhor, do “operador da fotocopadora”, como ele prefere dizer. Seus problemas não são a miséria, a violência, o desemprego ou a discriminação racial. André (Lázaro Ramos) está o tempo todo pensando em como arranjar R\$ 38: quer comprar uma camisola para sua mãe. Discute com um amigo para saber quem vai pagar o cafezinho. Desde a primeira cena do filme, o público é jogado num universo em que dois ou três reais fazem diferença crucial na hora de passar pelo caixa do supermercado.

O homem que calculava

Poucos filmes brasileiros, creio eu, terão dado ao dinheiro - ao tutu, à grana, na sua materialidade bem comezinha, na sua falta bem caracterizada - a função de ser quase personagem da história, como acontece em “O Homem que Copiava”. Bem que o filme também poderia ser chamado “O Homem que Calculava”, como no livro de Malba Tahan: o protagonista vive com o dinheiro contado e passa boa parte do tempo (como qualquer cineasta brasileiro, aliás) administrando seu mínimo orçamento.

Há outra coisa curiosa na história de André. Sua colega de trabalho, os amigos, o chefe, a moça em quem ele está interessado são todos brancos e em nenhum momento do filme o fato de ele ser negro parece atrapalhar os seus projetos. Não é que o racismo real ou latente da sociedade brasileira devesse ser apontado a todo custo; mas a trama simplesmente ignora a cor do personagem como um fator digno de menção ou de elaboração dramática. É como se o personagem não fosse negro, ou melhor: é como se nenhum racismo, nem o mais disfarçado, existisse no Brasil. Isso não chega a ser uma inverossimilhança. Mas o enredo de “O Homem que Copiava” está montado em torno de um golpe muito pouco plausível (André descobre um método extremamente tosco de obter dinheiro), e a idéia de cópia, de falsa identidade, de engano, está presente no filme a partir do próprio título.

As ironias e subentendidos não deram muito certo

Não é difícil concluir que Jorge Furtado esconde várias cartas na manga e que, sob a aparência de uma simpática comediazinha popular, haveria alguma intenção crítica bem definida. O diretor é conhecido pelo curta-metragem “Ilha das Flores”, divertida e didática peça de denúncia do capitalismo global.

Minha impressão, contudo, é que os subentendidos e ironias deste longa não deram muito certo e terminaram sendo engolidos pela imoralidade do sistema que se queria denunciar. Somos levados a torcer pelo sucesso da empreitada de André, como em qualquer bom filme de conto-do-vigário. A malandragem como forma de se vingar dos poderosos é sempre bem

recebida pelo público, ainda mais se revestida de uma aura de ingenuidade, de pureza, como no caso de "O Auto da Compadecida", merecido sucesso da Globo Filmes.

Uma apologia da 'lei de Gérson'

Mas em "O Homem que Copiava" não há esse tipo de malandragem popular, exceto talvez na figura coadjuvante e simpaticíssima de Pedro Cardoso. O que há, a meu ver, é apologia da "Lei de Gérson". Mais do que isso, o "levar vantagem em tudo" acarreta alguns atos criminosos com os quais o público, imagino, está longe de se solidarizar.

Suscita-se uma sensação de estranhamento e mesmo de forte repulsa moral diante do desfecho do filme, que combina, em poucas cenas, afirmação da cultura consumista, elogio da brasilidade, beija-mão a um artista da TV, consagração da impunidade e do salve-se-quem-puder. Haverá ironia, senso oculto nesse final quase escandaloso? Pode ser.

Estranhamente, o filme todo age como se levasse a sério a história que está contando; o desfecho é direto, sem obliquidade, sem subentendidos. Tudo se passa como se ninguém (público, patrocinadores, produtora, diretor) estivesse percebendo o que há de afrontoso na história.

Cinismo popular ou elogio da malandragem?

Será que esse final "em brancas nuvens", esse *happy end* impassível, é uma provocação secreta do diretor? Como se ele sugerisse, por exemplo, que o comportamento "normal" da classe dominante é sempre acintoso, mas só nos choca quando o vemos copiado pelos personagens pobres da história. Assim, se o público se indignar com o filme, é porque não se enxerga.

Uma modalidade de "cinismo popular", em vez do paternal elogio da malandragem, estaria então sendo proposta. Mas para quem? Para que público, precisamente? O diretor parece, na melhor das hipóteses, divertir-se com seus próprios botões, indo a contrapelo do que o filme apresenta ao espectador do cinema.

"O Homem que Copiava" poderia ser simultaneamente obra de entretenimento e crítica; mas parece que os dois lados da moeda (ou da cédula, para ficar no tema do filme) não coincidem aqui. Para que seja visto como diversão, produzida pela Globo Filmes etc., o filme tem de abafar todo o seu potencial crítico; para ser crítico, não poderia fingir tanta inocência".

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Humanitas Arte

Na terça-feira, dia 24 de junho, a coordenação reuniu-se com a Prof^ª. Dr^ª. Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia da Unisinos, para discutir o projeto *Humanitas Arte* e a execução da segunda edição do projeto no segundo semestre de 2003.

2º Ciclo de Estudos sobre o Brasil

A segunda etapa do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil* foi tema do encontro entre a coordenação do IHU, o professor Achyles Barcelos da Costa, do Centro de Ciências Econômicas e a professora Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas, na última quinta-feira, dia 26 de junho. Os professores fazem parte da comissão do Ciclo. A programação da

segunda etapa para este segundo semestre de 2003 já está pronta e será divulgada no próximo boletim.

A comissão organizadora do Ciclo já iniciou a preparação do 2º Ciclo de Estudos sobre o Brasil que acontecerá durante o ano de 2004. Autores como Raymundo Faoro, Paulo Freire, Graciliano Ramos, Simões Lopes Neto, Joaquim Nabuco, Oliveira Viana e Darcy Ribeiro, entre outros, serão estudados durante o 2º Ciclo.

Trabalho e Cidade

Nos dias 24 e 25 de junho, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, ministrou um curso, em Curitiba, PR, para 200 lideranças comunitárias. O tema: As mudanças do mundo do trabalho e a cidade. Impactos pastorais.

40 anos do Golpe Militar

No dia 26 de junho, a coordenação do IHU esteve reunida com o prof. Dr. Flávio Heinz, do PPG de História da Unisinos, que propôs um programa de atividades para março de 2004, por ocasião dos 40 anos do fatídico golpe militar de 1º de abril de 1964. Já foram tomadas uma série de iniciativas, a partir da reunião, e será convocada uma comissão organizadora para a realização de um evento acadêmico de grande respiro.

EVENTOS IHU

ABRINDO O LIVRO

No dia 25 de junho, na Sala de Seminários 2 da Biblioteca da Unisinos, a Profª Drª Denise Maria Cogo apresentou o livro **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**, de Néstor García Canclini, 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998. A professora resgatou a persistência do autor em não abandonar o esforço por compreender a identidade latino-americana, apesar de isso ser tão criticado. Ele não aborda a identidade como uma busca de essências, e sim parte dos cruzamentos, que chama de hibridizações, que levariam o Continente a construir um pensamento autônomo profundamente comprometido com sua realidade política e cultural.

Ecoss do Evento

“Acho o evento uma iniciativa interessante, um outro modo de contato com a obra, uma vez que eu já a conhecia. A Denise apresentou com clareza as idéias de Canclini. A questão do Latino-americano é importante para nos apropriar dessa leitura. O autor consegue ser transdisciplinar, conceito que para nós ainda está distante de ser experimentado no cotidiano. Ele traz circunstâncias que fazem perceber quanto é importante uma leitura e resposta transdisciplinar”.

*Deisimer Gorczewski,
doutoranda em Comunicação pela Unisinos.*

“Gostei muito. Eu trabalho com migração alemã. A apresentação da Profª Denise e a Obra de Canclini em si vêm ao encontro de elementos com os quais eu me defronto no meu trabalho.

Canclini tem conteúdos teóricos, inclusive para entender o Rio Grande do Sul, uma terra de imigrantes na qual cada um que chegou foi contribuindo para a formação da cultura rio-grandense, acontecendo uma hibridização”.

*Ingart Grutzmann,
pesquisadora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e pesquisadora visitante do
PPG em História da Unisinos*

O Próximo **Abrindo o Livro** acontecerá no dia 26 de agosto, na Sala de Seminários 2 da Biblioteca, das 19h45min às 22h.

Na ocasião, será apresentado o livro **A Vinda de Deus: Escatologia Cristã**, de Jürgen Moltmann. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 374p. (Coleção Theologia Publica 3)

O livro será apresentado pelo Prof. Dr. Pe. Frei Luiz Carlos Susin, professor do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.

IHU IDÉIAS

Na memória dos 150 anos de nascimento do intelectual cubano José Martí, em 28 de janeiro deste ano, sua vida e obra foram tema do último **IHU Idéias**, realizado no dia 26 de junho. O Prof. Dr. Werner Altmann, coordenador do PPG em História da Unisinos, falou sobre Martí a partir de sua biografia, afirmando que ele teve a vida dedicada à causa da independência cubana. O professor Werner salientou a importância de Martí como anunciador muitos anos antes do imperialismo norte-americano inserido no lugar do colonialismo. “Martí é mais atual do que nunca”, encerrou.

Ecoss do Evento

“É um tema ao qual eu não estou habituado, mas achei a explanação muito elucidativa. Foi uma grande surpresa saber que, já no século passado, em Cuba, alguém revolucionava dessa forma. Hoje se pensa que não houve movimento cultural, mas existiu um pensador relativista que, infelizmente, não atingiu seus propósitos”.

*Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio, professor do Centro de Ciências Exatas e
Tecnológicas da Unisinos.*

“Achei a explicação muito boa. Fui aluna do professor Werner no doutorado e José Martí perpassa pelas discussões acadêmicas. Martí é atual, nos traz idéias para a sociedade de hoje. Todas essas discussões sobre Alca, etc., vêm à tona com ele. Ter essa noção é importante. É fundamental saber a origem de pensadores como Martí para compreender a América Latina hoje. O aspecto religioso abordado na palestra foi muito interessante, porque não se costuma trabalhá-lo associado ao nome de José Martí”.

Isabel Arendt, doutoranda em História e funcionária do PPG em História da Unisinos.

“A temática abordada é muito importante nos dias de hoje, em que se fala de imperialismo norte-americano e das necessidades de pensar alternativas para a globalização, a Alca, etc. É muito bom discutir autores, idéias, que possam nos inspirar para repensar a questão política,

histórica e a História no ensino, não esquecendo da nossa história brasileira. A exposição do professor Werner foi clara e nos incentivou a ler mais e relacionar uma leitura com as outras”.

Prof. Dr. Jaime José Zitzkoski, professor do PPG em Educação da Unisinos.

Confira a programação do evento no mês de agosto:

07 de agosto – “Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre seu conteúdo essencial.” – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio – Professor na Unisinos.

14 de agosto – “Pomeranas, parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular” - Prof^a. Dr^a. Edla Eggert – Professora na Unisinos.

21 de agosto – “A ciência é masculina? É sim senhora.” – Prof. Dr. Áttico Inácio Chassot – Professor na Unisinos.

28 de agosto - “Igreja Universal do Reino de Deus: Igreja? Empresa? Partido Político?” - Prof. Dr. Ari Pedro Oro – Professor na UFRGS.

LANÇADA HOJE NOVA PUBLICAÇÃO DO IHU

Acontece hoje, dia 30, às 17h30min, na sala 1G119, do Instituto Humanitas Unisinos, o lançamento dos **Cadernos IHU Idéias**. Na ocasião, serão lançados os quatro primeiros textos, correspondentes a diversas apresentações no evento **IHU Idéias**. A publicação tem por finalidade divulgar conhecimentos desenvolvidos e partilhados no espaço semanal **IHU Idéias**, evento que se realiza todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h na sala 1C 103. A cada 15 dias, os leitores poderão acompanhar uma nova edição de **Cadernos IHU Idéias**, que terá uma tiragem inicial, para divulgação, de 400 exemplares. Os cadernos estarão disponíveis em espaços públicos da Unisinos, como sala dos professores, centros de ensino, reitoria, biblioteca e outros.

Os quatro primeiros Cadernos a serem lançados são:

- 1.- *A teoria da justiça de John Rawls* (Prof. Dr. José Nedel);
- 2.- *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* (Prof^a. Dr^a Edla Eggert);
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo (Prof^a. MS Clair Ribeiro Ziebell e acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss);
- 3.- *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* (jornalista Sonia Montañó);
- 4.- *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* (Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer).

IHU REPÓRTER



DAGMAR ROSANA SORDI

Natural de Porto Alegre, terceira de quatro irmãos, Dagmar Rosana Sordi é vice-diretora do Centro de Ciências Econômicas. Entre suas lembranças da infância, estão os jogos de criança, do tipo colher pitanga no mato, em uma Porto Alegre menos urbana do que a atual. Caracterizada por um espírito de curiosidade que guia freqüentemente seus empreendimentos, mostrou-se com iniciativa e coragem para correr

riscos que a ajudassem a amadurecer, conhecer a vida e o mundo.

Curiosidade- Mudei muito de colégio, porque tinha muita curiosidade e gostava de experimentar coisas diferentes. Passei por colégio só de meninas e misto, por colégio público e privado. Essa mesma curiosidade me levou a morar no Rio de Janeiro logo que me formei. Eu e mais uma amiga fomos para lá sem ter trabalho nem lugar onde morar, mas nos saímos bastante bem.

Formação- Cursei enfermagem na Unisinos. Meu irmão médico foi o grande incentivador e em 79 me formei. Fui para Rio e lá trabalhei três meses como enfermeira de UTI neonatal numa clínica. Mas vi que para exercer a profissão de enfermeira, eu precisava de uma estrutura muito forte para lidar com o sofrimento dos outros, que eu não tinha. Era muito jovem. Nesse meio tempo, me surgiu a oportunidade de trabalhar em um projeto de educação para a saúde do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), uma fundação vinculada ao MEC. Esse trabalho me possibilitou viajar por todo o Brasil. Eu gostava muito, porque reunia três áreas que me são muito caras: saúde, educação e administração. Trabalhei numa pesquisa sobre a prática de saúde de parteiras no Nordeste, entrevistando 500 parteiras. Esse trabalho me possibilitou uma bolsa para especialização no Chile, ligada a planejamento familiar e saúde. Voltei para Porto Alegre. As saudades eram muitas, e eu tinha acabado com um casamento. Comecei a trabalhar na Supervisão de Unidades de Saúde da Secretaria da Saúde do Estado. Na época, fiz um curso de especialização em Saúde Pública, que me aproximou da área da gestão. Fui consultora da Organização Pan-americana de saúde para o desenvolvimento de sistemas locais de saúde no RS. Trabalhei na Santa Casa, na implantação do programa de Qualidade Total, do que me orgulho, porque ajudei a implantar algo que deu muitos frutos. Em 92, iniciei o Mestrado em Administração, na UFRGS e, quando o concluí, vim trabalhar na Unisinos e fui me envolvendo cada vez mais até deixar todos os outros lugares onde trabalhava.

Autora- Isabel Allende

Livro- Prefiro as biografias, especialmente de mulheres importantes e corajosas. Um exemplo é *Isadora*, de Maurice Lever, que narra a vida de Isadora Duncan

Filme- Gosto de vários estilos, mas principalmente dos que tratam de relacionamentos. Um exemplo é *A Noite*, de Antonioni.

Nas horas livres- Conversar com amigos, tomar um vinho, ir ao cinema. Adoro cozinhar.

Um grande sonho- Ter um café bistrô para cozinhar, juntar minha família e todos os meus amigos e fazermos uma viagem a Paris.

Referenciais- Minha mãe, porque é para mim um exemplo de ética, trabalho, coragem e possui um grande espírito inovador.

Unisinos- É a realização de um sonho profissional. Tenho uma forte relação afetiva com a Universidade. Eu a escolhi para trabalhar, mas ela me escolheu para continuar trabalhando. Aqui há um potencial enorme. Unem-se dois aspectos que são difíceis de encontrar juntos: seriedade e inovação. Ela permite e impulsiona a criatividade.

IHU- Um espaço diferente dentro da Universidade que discute assuntos ligados ao cotidiano da sociedade. Temas que nos fazem pensar diferente do que pensamos no dia-a-dia, que abrem novos ângulos sob a ótica do humanismo, de maneira acessível a todos.

Brasil- Um país com um potencial grande de desenvolvimento, mas as coisas poderiam não demorar tanto. Acho que falta coragem, inclusive no atual Governo que prometia tanto. As reformas da previdência, tributária etc., poderiam ir mais rápido, parece que o governo não tem pressa.

INTERATIVO

Sala de Leitura



“Atualmente, leio a obra de Stephen Jay Gould, **Pilares do Tempo, ciência e religião na plenitude da vida**. Editora Rocco, 2002. 188 p. O autor, além de paleontólogo, é um intelectual e um erudito no que diz respeito à história das ciências naturais e dedicou a vida a escrever sobre ciência (especialmente sobre paleontologia e evolução) de um modo que todos pudessem entender. Em **Pilares do Tempo**, ele propõe uma interessante discussão sobre ciência e religião e levanta a possibilidade de sempre considerarmos conflitante o que não seja tão antagônico assim. Também defende a idéia de que a opção por uma, não exclui a outra, já que as coisas da ciência são as do mundo natural, e as da religião tratam do universo moral. Considera os dois temas indispensáveis para o homem e propõe sua convivência pacífica. O livro é, basicamente, uma crítica aos fundamentalistas e a todos os que assumem uma posição radical perante os fatos do mundo, tenha este sentimento ou expressão vindo dos religiosos ou dos cientistas. E quantos conhecemos, neste último grupo, que se parecem muito com os aiatolás... (opinião minha)”.

Prof.ª. Dr.ª. Tania Lindner Dutra, doutora e mestre em Geociências, e professora do PPG em Geologia da Unisinos.



“No momento, estou lendo, vagarosamente, o livro **Zen e a arte de manutenção de motocicletas – Uma investigação sobre valores**, de Robert M. Pirsig, lançado no Brasil em 1984, pela Editora Paz e Terra, e que já teve inúmeras reedições. *Time Magazine*, à época, o considerou como um dos dez melhores livros da década. No decorrer de uma excursão de motocicleta pelos Estados Unidos, paralelamente aos diálogos com seu filho e à descrição das paisagens e dos cuidados necessários para manter a motocicleta funcionando, o autor, ponderando que ‘o verdadeiro veículo que conduzimos é um veículo chamado nós mesmos’, vai tecendo reflexões muito interessantes sobre valores do mundo contemporâneo, sobre a inter-relação entre religião, artes e ciência, sobre a formação da cultura, sobre o método científico e a pesquisa. Explorando as duas formas de compreensão do mundo - a clássica, fundada na razão e nas normas, e a romântica, baseada na inspiração, criatividade e intuição - o autor deixa vislumbrar uma espécie de visão do que deveria ser a essência de uma Universidade buscando sua Qualidade”.

José Marcolan, secretário executivo do Conselho Universitário – Consun - da Unisinos



“Atualmente, estou lendo **Conversa com a memória**, do jornalista Villas-Bôas Corrêa (Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, 282p.). Trata-se do livro de memórias do jornalista, responsável por uma das mais antigas colunas políticas ainda em circulação no jornalismo brasileiro. Villas-Bôas Corrêa traça um quadro nostálgico, mas generoso do período democrático pós-1945, revelando mecanismos e astúcias da atuação de partidos políticos como o PTB, a UDN e o PSD, e de lideranças como Getúlio Vargas, Carlos Lacerda e Adhemar de Barros. Com um texto elegante e preciso, por vezes engraçado, o autor sugere ao leitor elementos para entender as raízes políticas da crise que levaria ao golpe e à instauração do regime militar. Leitura de qualidade, muito recomendada para aficionados do jornalismo político e interessados em história política do Brasil”.

Flávio Heinz, doutor em História do Mundo Contemporâneo, mestre em Sociologia Rural, e professor do PPG em História da Unisinos.

O MEU CLÁSSICO

Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa responde

Professor titular no Centro de Ciências Econômicas da Unisinos, o Prof. Achyles Barcelos da Costa abre a biblioteca de referências na edição de hoje de IHU On-Line. Prof. Dr. Achyles é doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participa da comissão organizadora do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, um evento promovido pelo IHU, cuja primeira edição está em andamento durante este ano e a segunda já está sendo preparada para 2004.

Qual é o autor, na área da Economia, que mais influenciou a sua formação intelectual e por quê?

De um modo geral, a formação intelectual de qualquer pesquisador ou profissional, particularmente nas chamadas ciências sociais como a Economia, recebe influências de áreas variadas do conhecimento e da vida em sociedade e não resulta, portanto, de uma única disciplina ou autor.

Iniciei minha formação de economista na Faculdade de Economia da UFRGS. Era o ano de 1967, período caracterizado por manifestações culturais e políticas que marcaram uma época e toda uma geração: maio de 1968 na França; os *Beatles*; a Guerra do Vietnã; a Guerra Fria; *Woodstock*; o AI-5 e os anos de chumbo no Brasil; as músicas chamadas de protesto, etc.

A discussão sobre o caminho para um mundo melhor e mais justo permeou a geração à qual pertencço e, inclusive, como preocupação individual, é anterior à minha formação profissional. Talvez eu tenha recebido influência do meio socioeconômico do qual sou oriundo, mas muito provavelmente de obras literárias que li, entre tantas outras: *Os Miseráveis* de Victor Hugo, 1984 de George Orwell, *Quarup* de Antonio Callado.

Sem dúvida alguma, encontrei a base para fundamentar a minha visão de mundo, no estudo da Economia. Como todo o início nessa área as leituras foram introdutórias, os chamados livros-texto e alguns economistas de maior envergadura: Joan Robinson, Gunnar Myrdal, Paul Sweezy, e outros. Com o tempo fui me aproximando do autor que por excelência é um clássico na disciplina: Karl Marx (1818-1883). Os escritos de Marx não foram objeto de discussão em sala de aula, pois àquela época suas idéias eram consideradas perniciosas e exóticas. Fui um autodidata no estudo de Marx e não me considero um especialista nesse autor: a minha leitura é para auto-esclarecimento apenas. O *Manifesto*, a *Contribuição para a crítica da economia política* e o seu principal estudo de economia, *O Capital*, mostraram que as posições ocupadas pelos homens na estrutura social não se devem a algum desígnio natural e que o entendimento das condições materiais, sociais e políticas vigentes em uma dada sociedade, bem como sua transformação, devem ser buscados na forma como o homem produz e troca. Uma vida pobre, curta e mesquinha, como indicada por Thomas Malthus (1766-1834), não era uma situação imutável do mundo, dada por leis da natureza, mas resultava, segundo Marx, das ações dos homens em sociedade. É na produção de sua vida material que o homem forma sua consciência social.

Independente dos 'erros' e 'acertos' do que Marx escreveu, o ponto importante a reter é a sua contribuição de que a sociedade não é estanque. Ao contrário, ela é mutável e em qualquer momento do tempo é resultado também de seu desenvolvimento histórico. O que Marx busca mostrar em *O Capital* são as leis de movimento de um modo particular e histórico de produção: o capitalismo. Formas de produção específicas apresentam também leis econômicas que lhes são próprias.

Algumas pessoas ainda têm dificuldades em compreender o que Marx escreveu. Como ele se intitulava socialista, acreditam que suas idéias aplicam-se apenas a essa forma de organização social. Nada mais errôneo. *O Capital* não foi escrito para explicar como funciona uma economia socialista. Ao contrário, o seu objeto de estudo, como já se disse, é o modo de produção capitalista. De maneira semelhante, como Marx aplicava a análise dialética, e dado que para ele o próprio desenvolvimento do capitalismo gerava a sua superação, interpreta-se que, seguindo Marx, bastaria observar o desenvolvimento das leis econômicas desse sistema que em um belo dia se alcançaria o socialismo. O seu método de análise não implicava que menosprezasse a ação da subjetividade, apenas enfatizava o papel determinante que, em última instância, era desempenhado pelo desenvolvimento das forças produtivas na história. Se não pensasse assim, como explicar o seu envolvimento em atividades políticas?

Obviamente a contribuição de Marx para a teoria econômica deve ser vista também em perspectiva histórica. Marx não escreveu tudo sobre tudo [em vida publicou apenas o volume 1 de *O Capital* (1867)]. E nada seria tão antimarxista do que considerar essa obra como sendo uma bula aplicável a qualquer época e lugar. Há contemporaneidade em Marx, mas também a época atual é diferente daquela do século XIX e novos estudos são necessários para entender o mundo em que vivemos e o caminho futuro a ser percorrido.

Qual é o autor que mais responde a suas inquietações atuais e por quê?

As minhas inquietações atuais continuam antigas. Como estabelecer uma arquitetura institucional e produtiva que gere uma vida fraterna e solidária, em que todos se achem incluídos na sociedade? Como se vê, esse é um horizonte ainda distante e não há um autor conhecido que tenha uma resposta acabada para essa questão.

Até a crise mundial de 1929 vigia na Ciência Econômica a visão liberal que ensinava que os mercados deixados por si mesmos levariam ao máximo de bem-estar: crises e desemprego seriam impossíveis. O economista John Maynard Keynes (1883-1946) mostrou com a sua *Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro* de 1936, que não há nada que garanta que o sistema econômico deixado ao sabor das forças de mercado atinja uma situação de pleno emprego. Isso já era evidenciado naquela época pelos milhões de desempregados. O que Keynes fez foi elaborar teoricamente essa situação. A solução preconizada por ele estava em uma ação ativa por parte do Estado, intervindo na atividade econômica de modo a complementar a iniciativa privada e tirar, então, a economia do atoleiro em que se encontrava.

Do imediato pós-II Guerra Mundial até o início dos anos de 1970, quando as idéias keynesianas foram implementadas, as principais economias industrializadas experimentaram taxas de crescimento dantes nunca vistas, superando o fantasma do desemprego. Essa fase ficou conhecida como *Golden Age*, pois foram de fato anos dourados para a acumulação de capital. Alguns estudiosos, entusiasmados com esses resultados, chegaram a acreditar que os ciclos econômicos haviam sido suprimidos. De lá para cá, se tem assistido ao ressurgimento do desemprego e do novo fenômeno da exclusão social. Fala-se, inclusive, não mais em exército industrial de reserva, mas num outro tipo de exército: o dos inempregáveis. O desemprego tem-se constituído, desde então, nesse flagelo social que adentra o novo milênio. Entretanto, a presença do Estado na atividade econômica nesse marco institucional, por si só, não foi capaz de resolver os problemas de desemprego que, de tempos em tempos, assolam o sistema. Keynes, contudo, mantém-se atual em sua proposição de que o sistema auto-regulado é incapaz de produzir ocupação para todos. Os avanços tecnológicos – esperança de progresso econômico e social – que tiveram sua gestação e difusão a partir do último quartel do século XX, não têm sido capazes de solucionar a crise de desemprego. Ao contrário, em alguns casos tem-se-lhes imputado, inclusive, a sua parte de responsabilidade por esse quadro.

O progresso técnico e seus determinantes têm merecido a atenção de economistas e da sociedade de um modo geral. Compreender como as inovações são geradas e difundidas, bem como os seus impactos nas mais variadas dimensões da vida em sociedade – econômicas, sociais, culturais, etc. – tornou-se questão vital para os países na busca de melhorias nas condições de vida de suas populações. O economista Joseph A. Schumpeter (1883-1950) foi o teórico proeminente nesse assunto, daí a sua recuperação para o debate econômico que se observou nos últimos anos. A idéia de Schumpeter é que o sistema capitalista é inerentemente instável, movendo-se de maneira sigmóide (por ciclos) ou por ondas. Cada onda, cuja duração havia sido estabelecida pelo economista russo Nicolai Kondratieff em torno de 60 anos, é explicada pelo aparecimento de inovações radicais cujos efeitos no aumento e no declínio na produtividade permaneceriam mais ou menos aquela extensão de tempo.

Ao se introduzirem inovações na economia, visando a recuperar o crescimento, está se alterando o *mix* de produtos, as formas de produzir, a composição do emprego, a qualificação da força de trabalho, bem como a competitividade das empresas. Essas são algumas das dimensões da reestruturação industrial que têm ocupado a agenda de discussão de economistas e de governos nos últimos tempos, e que encontra em Schumpeter uma importante fonte de inspiração.

Qual o autor contemporâneo que lê com mais atenção e por quê?

Uma interpretação hegemônica da crise dos anos de 1970 considerou-a resultado do excesso da presença do Estado na economia. A partir de políticas econômicas implementadas nos governos Thatcher e Reagan, difundiu-se um movimento internacional, de cunho neoliberal, cujo mote era 'o melhor Estado é o menor Estado'. O foco de atuação passou a privilegiar as forças de mercado na condução da atividade econômica. Como se sabe, vários países, incluindo os da América Latina, trilharam esse caminho, abrindo suas economias à concorrência externa, desregulamentando mercados e privatizando atividades que estavam em mãos do Estado, tudo isso com vistas a reencontrar o caminho do crescimento. Firmou-se em âmbito internacional um tipo de 'pensamento único' a guiar a ação dos governos. O resultado dessa experiência, no entanto, ao contrário do esperado, tem sido dramático para muitos países e os exemplos na própria América Latina são eloqüentes: o crescimento econômico tem sido pífio, o desemprego aumentou e a desigualdade social tem se ampliado. De outro lado, a busca de alternativas a esse modelo também não tem sido uma tarefa fácil. O fracasso da experiência soviética de socialismo retirou força de uma bandeira que era desfraldada em épocas de crise como a apresentada. O delineamento claro do arranjo econômico e das relações sociais de um 'outro mundo possível' ainda está por ser feito.

Esta introdução é apenas para fundamentar a resposta de que não vejo *um* autor contemporâneo que atenda às dúvidas acima. As minhas leituras têm sido pulverizadas nos últimos anos, em função mesmo dessas incertezas. Tenho acompanhado os seguidores de Schumpeter – os chamados neo-schumpeterianos – em sua tentativa de entender a importância do progresso técnico na economia. Dentre esses destaco Richard Nelson e Sidney Winter com o seu *An Evolutionary Theory of Economic Change*, Giovanni Dosi, Christopher Freeman e Carlota Perez. Também tenho lido autores que procuram, a partir de experiências regionais bem-sucedidas, buscar novos modelos de desenvolvimento que possam orientar as ações de governos. Nessa área, cabe salientar o livro de Michael J. Piore e Charles F. Sabel *The Second Industrial Divide* e os estudos feitos, observando a experiências dos chamados distritos industriais da *Terceira Itália*, como os realizados por Giacomo Becattini, por exemplo. Essas leituras têm sido mescladas com outras que tratam do papel das instituições na economia e de como o sistema faz sua regulação. Nesse campo, as indicações recaem nos autores da chamada *Escola de Regulação Francesa*: Michel Aglietta, R. Boyer e outros. Em âmbito doméstico, tenho procurado acompanhar os escritos de nossos mestres em economia brasileira como Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares em suas reflexões na construção de um Brasil mais justo e solidário.

Cartas do leitor

Pessoal,

Achei muito legal e inovadora a idéia do site, assim fica melhor para visualizarmos o **IHU On-Line**, e também para fazermos pesquisas em edições anteriores. Parabéns pela inovação.

Um grande abraço.
Jones Quadros

Primeiramente parabéns pelo bom andamento que vocês estão dando ao IHU. É muito gratificante manter esta relação. Gostaria de receber o arquivo em formato Word.

Grato.
Fernando Ferro

Queridos companheiros do IHU,

Agradeço o carinho de me enviarem o boletim. É uma riqueza, o que só é possível porque é fruto de um trabalho sério e comprometido. Parabéns a vocês. Sinto que essa nova opção de envio é excelente porque não sobrecarrega a caixa de e-mails.

Um grande abraço! Soberania sim, Alca não!!

Lucian Duarte

Porque não enviam uma versão simplificada do sítio no corpo da mensagem? É mais simples e rápido!!!

Bom trabalho!
M. Fernanda Milicich Seibel - Caxias do Sul - RS

Amigos do Boletim IHU On-Line:

Parabéns pela qualidade dos assuntos abordados nos Boletins. Eles são de extrema utilidade e muito oportunos para quem pretender ter um mínimo de informação e atualização na área. Continuem com esta qualidade, marca Unisinos. Prefiro continuar recebendo o Boletim no Word.

Obrigado.
Um forte abraço.
Humberto Gabbi Zanatta

Joinville, SC, 23 de junho de 2003

Equipe do IHU Informativo,
Saudações de Paz e Bem!

Particpei de um seminário e tomei conhecimento da revista publicada por este instituto. Gostei.

Gostaria de recebê-la na versão eletrônica.

Bons trabalhos e muitas realizações.

Desde já os meus agradecimentos.
Maria Diva Schiochet

Prezados senhores,

Aproveitando a oportunidade para parabenizá-los pelo **IHU-Online**, que é um material de excelente qualidade, gostaria de solicitar que, se for possível, como é apontado em sua mensagem, gostaria de continuar recebendo o boletim no formato Word, atachado ao e-mail.

Obrigado. Cordialmente,
Moacir Viegas Professor Unisc.

Prezados Amigos,

Eu, pessoalmente, gostaria de receber como anteriormente, pois não tenho muito acesso à Internet. Da forma como você estavam fazendo facilitava bastante para mim a leitura, pois eu poderia ler em casa. Assim eu precisarei ter uma Internet para mim. Agradeço a compreensão e desculpem-me se estou lhes causando transtorno. Um grande abraço. Em julho, estarei na Unisinos para concluir o Curso de Especialização em Juventude.

Pe. Marcionei da Silva

Prezados amigos do IHU ,

Eu ainda gostaria de estar recebendo o informativo como antes, pois tenho guardado todos e me facilita o acesso. Desde já agradeço o trabalho de vocês e peço as bênçãos de Deus para que continuem com este serviço.

Pe. Nilton

Prezados senhores:

Gostaria de continuar recebendo o boletim Humanitas, de excelente qualidade, que muito tem me ajudado em minhas aulas, no formato tradicional. Da forma inovadora que estão fazendo fica difícil e mais complicada a sua leitura.

Um grande abraço,
Prof. José Afonso de Oliveira.

Prezados amigos do IHU:

Agradeço até aqui o envio das edições pelas quais sou muito grato. Realmente o acesso via web deve facilitar muito a vida de vocês. Gostaria de sugerir apenas que, se possível, com o comunicado, enviem junto o índice, mesmo que não permita download, apenas de uma parcela do boletim, pois assim tornaria o fluxo mais interessante. Parabéns pelo trabalho.

Cesar Goes,
Sociólogo – Unisc.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª Ms. Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 - ramal 1173 ou 1195. E-mail: lhuinfo@poa.unisinos.br Sítio: ww.ihu.unisinos.br

